

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A GESTÃO EDUCACIONAL E A FILOSOFIA NO
MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Marcio Luis Marangon

**Constantina, RS, Brasil
2011**

A GESTÃO EDUCACIONAL E A FILOSOFIA NO MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)

Marcio Luis Marangon

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Ana Paula da Rosa Cristino

**Constantina, RS, Brasil
2011**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**A GESTÃO EDUCACIONAL E A FILOSOFIA NO
MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)**

elaborada por
Marcio Luis Marangon

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ana Paula da Rosa Cristino (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Elaine Maria Dias de Oliveira (UFSM)

Leonardo Germano Krüger (UFSM)

Constantina, 17 de Setembro de 2011.

“Uma vida sem busca não é digna de ser vivida.”

(Sócrates)

AGRADECIMENTOS

À orientadora Ana Paula da Rosa Cristino, pela compreensão, competência e esforço na orientação deste. Muito obrigado.

À equipe que compõe a EaD da UFSM, pela qualidade do curso e a disponibilidade de atendimento sempre que necessário.

À Prefeitura Municipal de Constanina, por ter aceitado colaborar no desenvolvimento desta pesquisa, incluindo aqui, Diretores, Coordenadores Pedagógicos e Professores que disponibilizaram seu tempo para engrandecer este trabalho.

Ao todos os professores e tutores (presenciais e a distância) que participaram deste programa, por sua dedicação e auxílio.

À minha família por sempre me dar força e coragem para enfrentar os desafios da vida.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A GESTÃO EDUCACIONAL E A FILOSOFIA NO MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)

AUTOR: MARCIO LUIS MARANGON

ORIENTADORA: ANA PAULA DA ROSA CRISTINO

Data e Local da Defesa: Constantina/RS, 17 de setembro de 2011.

O presente trabalho analisou a relação entre Gestão Escolar e Filosofia em sua reintrodução nas escolas, visualizando dificuldades, experiências e transformações possíveis neste processo. Participaram 05 escolas municipais e 01 escola estadual, através do entendimento de diretores, coordenadores pedagógicos e professores de sala de aula, tendo como base de pesquisa a rede pública de Ensino do Município de Constantina (RS). A pesquisa qualitativa e o estudo de caso constituíram a abordagem metodológica que foi de encontro ao cotidiano das escolas. Para tanto, foi aplicado um questionário com perguntas abertas, analisado através de categorização simples, aproximada da análise de conteúdo. A interpretação das informações suscitaram possibilidades de interpretação e alternativas ao tema da Filosofia e Gestão Educacional. Visualizando as contribuições, se compreende que mesmo tendo uma consciência a respeito da inserção da Filosofia na escola, tem-se grandes dificuldades quanto a legitimação de seu espaço. No entanto, isso não impede sua relação com a Gestão no que se refere a busca por uma educação voltada a formação humana. Pode-se dizer a partir disso, que o trabalho traz bons apontamentos à compreensão da relação Filosofia e Gestão Escolar, contribuindo no entendimento do ato de educar e em suas concepções frente a formação de indivíduos mais críticos. É um primeiro passo frente a um tema pouco abordado, mas que pode render bons frutos.

Palavras-chave: Gestão Escolar, Filosofia, Formação Humana.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A GESTÃO EDUCACIONAL E A FILOSOFIA NO MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)

EDUCATIONAL MANAGEMENT AND PHILOSOPHY: POSSIBLE CONNECTIONS
IN THE CITY OF CONSTANTINA (RS)

AUTOR: MARCIO LUIS MARANGON

ORIENTADORA: ANA PAULA DA ROSA CRISTINO

Data e Local da Defesa: Constantina/RS, 17 de Setembro de 2011

This study aims to examine the relationship between school management and philosophy in its reintroduction in schools, viewing difficulties, experiences and possible changes in this process. Participated in 05 public schools and 01 public schools, through the understanding of directors, teacher trainers and teachers in the classroom, based on research at public schools in the city of Constantine (RS). Qualitative research and case study were the methodological approach that was against the daily life of schools. To that end, we conducted a questionnaire with open questions, analyzed through simple categorization, content analysis approximate. The interpretations of the information elicited and alternative possibilities of interpretation to the theme of Philosophy and Educational Management, with a scientific nature and reliable. Viewing the contributions, it is understood that even though an awareness of the inclusion of philosophy in school, has great difficulties in legitimizing their space. However, this does not prevent its relationship with management regarding the search for an education focused on human development. You can tell from this that the work brings good notes to the understanding of the relationship and Philosophy School Management, contributing (a change of synonyms) in understanding the act of educating and training their conceptions of individuals facing the most critical. It is a first step forward to a little discussed subject, but can yield good results.

Key-words: School Management, Philosophy, Education Human

LISTA DE SIGLAS

MEC – Ministério da Educação e Cultura
RS – Rio grande do Sul

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 01 – Termo de consentimento	74
APÊNDICE 02 - Roteiro de questionário	75

LISTA DE ANEXOS

ANEXOS 01 – Lei nº 11.684	78
ANEXOS 02 – Lei de Implementação da Filosofia no currículo do Ensino Médio.....	79

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1. A FILOSOFIA NA SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E A GESTÃO	15
1.1 Considerações iniciais.....	15
1.2 Objetivos	17
1.2.1 Objetivo geral	18
1.2.2 Objetivos específicos	18
1.3 Encaminhamentos metodológicos	18
1.3.1 Caracterização teórico-metodológica: Abordagem qualitativa	18
1.3.2 Procedimentos Metodológicos	21
2. A RELAÇÃO ENTRE GESTÃO EDUCACIONAL E FILOSOFIA	23
2.1 Importância da Filosofia formação humana.....	22
2.1.1 A Filosofia e a evolução humana	28
2.2 Gestão Democrática: o que é isso?	30
2.3 A (re) introdução da Filosofia nas Escolas	37
2.3.1 O papel dos Diretores na implantação ou (re) introdução da Filosofia nas Escolas: a democracia em foco.....	40
3 A SITUAÇÃO DA FILOSOFIA NO MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)	45
3.1 As instituições pesquisadas e seus colaboradores	45
3.2 A importância da Filosofia na rede pública de ensino de Constantina (RS)	50
3.3 A (re) introdução da Filosofia nas Escolas do município de Constantina	53
3.4 A Filosofia na Gestão Escolar: suscitando alternativas.....	56
3.4.1 Alternativas a aplicabilidade da Filosofia	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	67
REFERÊNCIAS.....	71
APENDICES.	76
ANEXOS ..	78

APRESENTAÇÃO

Estamos ainda nos acostumando com uma recente conquista para a educação de nosso país: o retorno da Filosofia e da Sociologia ao currículo escolar. Apequenados pela ditadura interminável de uma ideologia política neoliberal, que coordenou a nação por muitos anos, a sociedade preferiu o ensino técnico ante a vontade de pensar, pela simples ilusão de crescimento econômico, formando um povo pouco politizado, sem o desejo de participação e construção coletiva.

O século XXI, por esta situação, está marcado pela dificuldade de encontrar lideranças, ou indivíduos dispostos a compreender o sentido do seu protagonismo. A sociedade, anestesiada, parece ter desistido de compreender seu espaço e busca no assistencialismo governamental, uma justificativa para a aceitação da um realidade social desequilibrada e ainda massificadora.

Contudo, não somente na política se percebe a falta de reflexão. A não conscientização do papel do ser humano em seu espaço, faz também das escolas reféns desse sistema técnico-consumista. Quando a reflexão é trocada pelo espírito de competição, vêem-se nos corredores das escolas, que antes serviam para educar, construir amizades, desenvolver o corpo e o espírito dos educandos, palcos de chacinas terríveis, de venda e consumo de entorpecentes, de agressão de educandos em educadores.

Mais do que a defasagem tecnológica e de infra-estrutura, a escola perdeu o respeito por não ser mais um espaço de formação de seres humanos. Como máquina do sistema capitalista, a escola deixa de ensinar e praticar a ética e a moral, para preparar à “guerra” cotidiana: a competição dos “melhores” contra os que não conseguem serem “capazes o suficiente”. Conduzindo os educandos a uma pressão sem precedentes.

A escola, como empresa que precisa apresentar numericamente, por meio de provas e avaliações anuais, seus “produtos” para o mercado de trabalho, cansa seus educandos e educadores. Eles já não compreendem porque seus pais saem logo cedo de casa, e voltam à noite cansados, estressados, e sem lhes dar atenção, e ainda são obrigados a passar o dia todo ouvindo regras, e aprendendo temáticas

que têm muito pouco a ver com sua realidade. Ainda mais, quando a elas é ensinada a necessidade de vencer a qualquer custo, sendo o melhor de qualquer forma, caracterizando um espaço onde a animalidade do instinto aflora com maior facilidade: se não há possibilidade de ser o melhor pelo bem, existem possibilidade de ser o melhor pelo mal.

Partindo de tais aspectos, o texto que vem a seguir, tentar demonstrar como esses desafios podem ser configurados, e trabalhados, dentro dessa relação do retorno da Filosofia à sala de aula. Disciplina chave para a formação da reflexão, já demonstrou através dos tempos ser de extrema utilidade para a formação crítica de um povo, afinal, aquele que usa da reflexão para se constituir, tem maiores chances de visar uma vida com excelência, sem desrespeitar as demais, e aquilo que está ao seu redor.

Este desejo de explicitar a questão da formação humana recorre, primeiramente, ao trabalho pastoral que desenvolvo há mais de dez anos, com crianças e adolescentes das mais diversas realidades sociais, níveis de escolaridade e perspectivas de vida. Nesses indivíduos, percebo que as relações de alienação que se estabeleceram no decorrer dos séculos, pouco a pouco, constituem um “rebanho” desarticulado e entregue a vontade do outro, ao “*alienus*”. Nossos jovens, desarticulados em uma sociedade competitiva e excludente focaliza em seu cotidiano aspectos mecânicos que lhes garantam a sobrevivência, esquecendo de compreender e valorizar a vivência a que se refere sua existência.

Em muitos casos estipularíamos que o poder público as possibilidades e o dever de refazer esses laços formativos que necessitam nossos cidadãos. No entanto, sabemos que a política do século XXI é muito mais um aspecto ideológico que democrático, ou participativo, como estabelece a palavra “política”. No ano de 2007, tive a oportunidade de participar em um projeto da Secretaria de Assistência Social do Município de Veranópolis (RS), no qual havia um projeto piloto de formação. Lá, a Secretaria possuía um cadastro social, onde os interessados em receber alguma ajuda seriam direcionados pela Prefeitura Municipal, para o setor adequado porque necessitavam passar por um pequeno processo de formação. Nesse processo tinham um mínimo de informação social, que ajudava os mesmos a se conscientizar a respeito da realidade vigente. Nesse projeto consegui perceber a diferença que faz a informação, que conseqüentemente leva à formação humana.

Entretanto, mesmo sob essa perspectiva de formar os indivíduos em suas realidades ficava o questionamento básico: como estas famílias chegam nesta situação? Ou seja, como escreveu Nietzsche (2003), é preciso ir até a genealogia do problema, perceber de onde ele surge e como se alastra, e então ali atacar o problema.

Já nos últimos anos do curso de Graduação em Filosofia, recebi o convite para participar de um curso de formação de educadores que ministravam Filosofia nas escolas públicas, alguns formados na área e outros não. Nas discussões estabelecidas neste espaço compreendi que ali estava uma oportunidade de estabelecer a formação humana em sua raiz, atacando então, através da preparação dos indivíduos, possibilidades de transformação social.

Agora como educador, vejo a Filosofia como possibilidade dentro das escolas, como um espaço, não o único, mas muito importante para transformar a consciência social dos futuros indivíduos através da formação humana, ou seja, da formação que prepara os indivíduos para a vivência social e a superação de suas realidades, dando aos mesmos, a oportunidade de potencializar suas características fundamentais, gerando assim, alternativas para que os mesmos sejam os protagonistas da transformação social necessária.

E esses espaços vão além da sala de aula. Estão nas visitas às casas dos educandos para conhecer suas famílias e sua realidade social, estão na construção de projetos interdisciplinares, ficando lado a lado com o espaço de diretores e coordenadores pedagógicos, aproveitando assim a formação condicionada à pesquisa que recebi na graduação, além dos espaços disciplinares, em que a formação Filosófica serve de suporte para conduzir o educando a refletir sua conduta e transformá-la.

Na escola vejo, portanto, que todos como gestores têm um aliado a mais para desafiar o suporte social estagnador e, suscitar uma indignação propícia à uma nova forma de ver o mundo. Esta indignação é mister para fortalecer o desejo de mudança e a busca por alternativas, e a Filosofia pode servir com toda a certeza para esse despertar do ser humano, levando-a a perceber dialeticamente sua realidade, desde que, não seja vista como única responsável por este processo.

Resgatar o “ser” para que seja mais humano e crítico, através da reeducação de nossas crianças e jovens, é papel de toda comunidade escolar, incluindo neste processo os pais, e as entidades sociais que convivem junto aos educandos. É

importante deixar-se conduzir pelo mesmo objetivo, não destoar naquilo que se quer, trabalhar em conjunto, cada um sabendo seu papel e sua atuação.

Este trabalho busca a compreensão do significado do retorno da Filosofia na percepção dos gestores escolares da rede pública municipal, sob a hipótese de que seu lugar não é somente nas salas de aula, mas também, que a Filosofia tem plenas possibilidades de estar atrelada aos espaços coordenadores, abordando assim, na perspectiva da Gestão Escolar. O trabalho vem, através de estudos de caso e pesquisa qualitativa, com questionários partilhados com professores, diretores e coordenadores pedagógicos, das Escolas Municipais do município de Constantina – RS, questionar se há essa possibilidade, e se há algum tipo de abertura para a discussão sobre a relação entre Filosofia e Gestão Escolar.

Sendo assim, no primeiro capítulo veremos um resgate histórico da Filosofia e suas aproximações com a Gestão, fazendo uma reflexão sobre os desafios superados e os processos de evolução.

O segundo capítulo abordará a questão da formação humana, e a relação da Gestão Escolar com essa formação, tentando encontrar pontos em comum entre Filosofia e Gestão, compreendendo o papel dos educadores neste processo, bem como o papel de toda a comunidade escolar em suas responsabilidades de formação.

O terceiro capítulo será, uma partilha de experiências entre pessoas que se vêem envolvidas neste espaço da Filosofia, da Gestão, ou que compreendem a importância de uma sociedade formada por cidadãos mais críticos, afinal, não se trata somente de quebrar paradigmas, ou inverter ideologias, trata-se de devolver o encanto da descoberta, cativando para uma nova forma de pensar.

Creio que a utopia de um mundo melhor começa a ser construído, a partir do momento em que os indivíduos são capazes de acreditar em sua capacidade de transformação, entendendo o seu espaço e percebendo onde suas potencialidades se encaixam. É nesta perspectiva que o trabalho busca suscitar alternativas e encaixes da Filosofia na escola, na perspectiva de ser útil no espaço escolar.

1 A FILOSOFIA NA SUA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E A GESTÃO EDUCACIONAL

1.1 Considerações iniciais

Quando surgiram os Sofistas na história da humanidade, “a educação tradicional não estava em condições de satisfazer as exigências tão variadas e avançadas. Fazia-se necessária uma instrução mais variada e especializada”. (MONDIM, 1981, p. 40). Há muito tempo o conhecimento ocidental já vinha se desenvolvendo, os filósofos de Mileto já haviam iniciado a busca pela *arché* de todas as coisas.

Neles, a cosmologia atingia um patamar de respeito com a natureza que dificilmente veremos novamente em nossa história. A tentativa de descoberta do mundo e das coisas ganhava um ar de relação, não de dominação, e o mundo tinha, por exemplo, espaço para perceber-se no ‘vir-a-ser’ de Heráclito, ou na eternidade do ser de Parmênides. (REALE, 2003)

Porém, a transmissão de conhecimento era restrito aos discípulos que buscavam seus mestres onde quer que eles estivessem, para saciar a sede de conhecimento, e descobrir um pouco mais sobre si e sobre o mundo em que viviam. Ai entra em cena o papel dos sofistas, os quais conhecemos na escola como os impostores, e, ou os ludibriadores. (REALE, 2003)

Talvez se pode considerar essas manifestações, pelo que ensinavam e da maneira que ensinavam. Contudo, não podemos deixar de ver os sofistas como aqueles que deram um passo para o desenvolvimento da educação como a conhecemos hoje. Pela sua interpretação da necessidade da época, souberam adaptar a forma de educar os filhos da Aristocracia para que esses fossem capazes de administrar futuramente suas sociedades. Em outras palavras, conseguiam ensinar a cidadania para esses jovens. (REALE, 2003)

Daí em diante, conforme Piletti; Piletti (1986), se seguiram diversas formas de transmitir o conhecimento, com objetivos distintos, mas sempre visando a formação do indivíduo. Se na educação Grega a educação voltava-se para o desenvolvimento

intelectual através da Filosofia e da Arte, os Atenienses se confrontavam com uma formação completa do ser humano, relevando aspectos físicos e aspectos intelectuais. Os Romanos primavam por uma educação moral, mas captaram muito da educação grega após suas conquistas de território.

A idade média ficou marcada por uma educação da doutrina cristã, que primava pela moral, mas não abandonava os aspectos racionais de conhecimentos vastos. A idéia da razão e da reflexão foi ainda muito forte no renascimento, onde volta com todo o vapor os estudos gregos e romanos, buscando criar indivíduos conscientes dos avanços da ciência e de suas responsabilidades perante esses aspectos, bem como, conduzindo uma formação prática para o convívio social (REALE, 2003).

A educação moderna já se preocupou um pouco mais com as hastes científicas, e teve uma clara guinada para a elitização do saber, mas de certa maneira, assegurada pelas influências das companhias religiosas, ainda trouxe uma preocupação com a formação filosófica humanística, pelo menos até um certo tempo, pois a educação pública, quando ganha força na idade moderna sob a tutela do estado burguês, se volta para a formação de mão de obra, ensinando muito mais o básico do que o necessário. Situação esta que só foi quebrada com as novas concepções que tiveram ícones como Makarenko, Freinet e companhia. Onde a escola volta-se para a formação social da criança, e esta, por sua vez, ganha a atenção devida.

Com o avanço do sistema técnico científico, em pleno século XXI a sociedade se movimenta em uma evolução tecnicista que atinge nossas escolas. Nossos educadores transformam-se em treinadores de mão-de-obra socializada e domesticada para o mercado de trabalho, que precisa ao mesmo tempo de trabalhadores e consumidores, para lucrar conforme seus gráficos econômicos ambicionam apontar.(PILETTI, 1986)

O caso do Brasil é mais um exemplo de como a educação é encarada no sistema consumista. Aqui, até mesmo as formas de educação popular foram fortemente freadas com o golpe de 1964. A escola viu-se obrigada a trabalhar o ensino profissionalizante, com disciplinas definidas, e dentre elas as críticas, como Filosofia e Sociologia já não estavam mais. Nosso ensino tornou-se novamente eletista, causando um sério atraso no ensino brasileiro, que deixa até a atualidade

um certo vácuo, em se tratando da educação das camadas mais pobres. Conseqüência disso são os altos gastos com saúde, a criminalidade e a necessidade de assistencialismo contínuo. Nosso povo acostumou-se a ser dominado.

É plausível compreender que a educação evoluiu no decorrer dos séculos segundo a necessidade das sociedades. Foi assim desde os tempos antes mesmo dos sofistas, que mencionamos acima, e talvez seja dessa maneira no decorrer dos tempos.

No entanto, na caminhada atual da história da educação, poucas vezes refletimos sobre o processo que a educação significa: alguém transmitindo cultura a alguém. Poucos também são os espaços para visualizar os efeitos destas atitudes contínuas de educar para o lucro e para a dominação a que nos colocamos. Piletti (1986, p. 256), acredita que, “nós também, se pretendemos assumir uma atitude filosófica, devemos desenvolver um processo de reflexão sobre os problemas que nossa época está nos colocando”.

A configuração social e ambiental a que presenciamos nos leva à repensarmos nossa forma de educar, ou pelo menos, repensarmos nossos conteúdos e nossos currículos escolares. A sociedade como um todo precisa questionar-se sobre os valores perdidos, as guerras, os assassinatos em série, os problemas escolares de aprendizagem, de evasão, de repetência, de baixa produtividade intelectual. Repensar maneiras de educar é almejar re-encantar não somente as crianças, mas sim, devolver a confiança da escola para com a comunidade escolar em geral, e mais do que isso, é devolver o aspecto de partilha, de análise, de reflexão sobre os problemas atuais.

Depois de muitos anos fora da escola, a Filosofia retorna como uma disciplina que esteve presente desde os primórdios da geração de conhecimento, mostra-se também como um espaço de reflexão e contribuição para o entendimento e evolução dos indivíduos.

Pode-se até contestar o seu retorno, estabelecendo uma relação imediata com a falta de profissionais qualificados, ou a necessidade de uma atualização dos profissionais atuantes para que os mesmos possam adaptar-se as novas necessidades deste século e, ou, aos novos desafios de educar nas escolas,

contudo não há como negar que traz consigo uma carga de oportunidades para a formação na área humana.

Coloca-se assim, a disposição das escolas para fortalecer os espaços democráticos, e dar cunho reflexivo para as atitudes sociais, fazendo-se luz para as diretrizes as escolas. Nesse sentido, a questão que norteia este estudo é: qual a importância que a Filosofia vem ganhando nas escolas e como está se dando sua relação com a Gestão.

Da mesma maneira como os filósofos refletiram a partir dos problemas da sociedade, somos convidados a abrir espaço para essa reaproximação da Filosofia, entendendo qual seu espaço, porque através dos tempos foi tão importante na formação das sociedades e como ela pode contribuir com os desafios modernos da educação.

Um desses desafios que se seguem, dizem respeito a forma de reorganizar a comunidade escolar, deixando-a mais participativa, mais atuante e consciente de seu papel. Para que isso aconteça, será necessário uma boa dose de esforço de todos aqueles que se envolvem com os problemas educacionais, de orientar as atuações da Gestão das escolas.

Assim, Filosofia e Gestão Educacional caminham juntas, tentando dar respostas novas a novas perguntas, entendendo que os velhos discursos de esperança já não convencem mais uma população jovem e uma sociedade acelerada que precisa urgentemente reencontrar seu caminho sem poder parar sua constante evolução. É um desafio no que os dois contingentes tendem a ganhar.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a relação entre Gestão Escolar e Filosofia, visualizando dificuldades, experiências e transformações possíveis neste processo, na rede pública de Ensino do Município de Constantina - RS

1.2.2 Objetivos específicos

Compreender a importância da Filosofia na rede pública de ensino de Constantina - RS através do entendimento de diretores, coordenadores e professores de sala de aula.

Analisar a (re) introdução da Filosofia nas Escolas do município de Constantina – RS.

Compreender o espaço da Filosofia na Gestão Escolar, suscitando alternativas para um melhor aproveitamento desta área do conhecimento em escolas do município de Constantina – RS.

1.3 Encaminhamentos Metodológicos

1.3.1 Abordagem metodológica

Ao refletir sobre a “pesquisa” em si, deve-se levar em consideração que ela traz algumas particularidades que não devem ser esquecidas, como menciona Duarte (2002, p.140):

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

Com isso a abordagem metodológica que se dá, vai ao encontro de uma realidade cotidiana, buscando perceber aquilo que ainda não foi visto, suscitando possibilidades de interpretação e alternativas ao tema da Filosofia e Gestão Educacional.

A reflexão ora realizada acerca apoiada nos escritos de Alves nos faz perceber o manejo necessário a identificação da metodologia a ser utilizada, uma vez que o estudo de caso requer que seja “uma situação [...] cuja relevância justifique o esforço de compreensão” (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 650).

Como educadores o que mais ouvimos falar atualmente é sobre os desafios do séc. XXI. Tempo de renovação, de desafios cada vez maiores e também da

necessidade de uma Gestão cada vez mais democrática e participativa, contribuindo para a melhoria da educação.

Nesse contexto, falando sobre a realidade do Reino Unido, mas algo muito parecido com o que vemos aqui, Elliott (2000, p. 04) nos coloca: “A formação permanente do professorado do Reino Unido tem se concentrado cada vez mais nos problemas práticos que tanto as escolas como os professores tem que enfrentar em seus trabalho”. O desafio já é universal, e pede ações cada vez mais práticas e rápidas, além é claro, de eficazes.

Esse processo da volta da Filosofia as salas de aula necessita de um diagnóstico, relacionando a realidade da gestão escolar e da comunidade escolar. No entanto sabe-se que um diagnóstico bem construído só acontece quando embasado em uma pesquisa eficiente, voltada para a prática, relatando os problemas e as possibilidades de solução.

Para tanto, procurou-se desenvolver uma pesquisa qualitativa na certeza de que o objetivo desta pesquisa é apto ao objetivo deste tipo de pesquisa, a qual visa “ouvir detalhadamente (a profundidade é um alvo comum) aquilo que, em contextos naturais e da forma mais livre possível, os entrevistados têm a dizer”. (NICOLACI-DA-COSTA, 2007, p.03).

Por isso, esse trabalho teve como apoio um estudo de caso, dado a importância de que, como menciona Gil (2010, p.37), este “[...] consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Isso foi de grande ajuda no desenvolver do projeto visto que,

[...] os estudos de caso buscam a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Este tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a interrelação dos seus componentes (LÜDKE; ANDRÉ, 1996, p.19).

Percebe-se então, que a pesquisa e a ação precisam andar juntas quando o que se pretende é alcançar a melhoria, ou a transformação da prática. Assim sendo, a prática da pesquisa de campo se torna neste trabalho um instrumento útil, por conseguir fugir do plano estritamente estratégico buscando através de questionários, instigar a reflexão crítica coletiva, potencializando a emancipação dos sujeitos do

processo educacional da Filosofia através da conscientização de suas condições reais.

Nessa perspectiva buscou-se uma pesquisa eminentemente pedagógica, dando possibilidade de reflexão contínua, abarcando realidades atualizadas e, gerando emancipação dos sujeitos em sua prática, oferecendo uma dialética racional, feita pelo ator social.

É dessa maneira que a pesquisa em questão busca conseguir eficácia, colocando seus “atores” da dinâmica do processo, garantindo espaço de expressão e participação, unindo parceria e colaboração, permitindo qualidade por abranger ações de todos os participantes.

Abraçando esta compreensão, pode-se enaltecer que temos nesta pesquisa, uma aliada para construirmos uma educação de maior comprometimento, dando qualidade através do processo participativo, guia indispensável para uma Gestão democrática, fundamento tão apreciado pela comunidade da escola cotidiana.

1.3.2 Procedimentos metodológicos

Após a construção do objetivo, o aprofundamento do problema se consolidou através de uma pesquisa de campo desenvolvida nas escolas municipais de Ensino Fundamental do município de Constantina (RS), e também, por indicação da Secretaria da Educação do município, na Escola Estadual de Ensino Médio do Município, para estabelecer uma relação sobre a realidade da rede estadual e da rede municipal.

Para esta pesquisa foram selecionados três profissionais, os Professores que ministram as aulas de Filosofia nas escolas, os Diretores e Coordenadores Pedagógicos das Escolas, dado que, pensamos serem estes os profissionais das escolas que estão mais envolvidos no processo do ensino da Filosofia. Frisamos que será respeitado o anonimato, tanto das escolas como dos profissionais que se disponibilizarem a colaborar com a pesquisa.

Após a Secretaria Municipal da Educação do município de Constantina - RS conhecer a pesquisa e dar seu consentimento sobre as escolas desta rede de ensino, os colaboradores receberam uma breve explicação do tema e a pesquisa. Sanadas as dúvidas dos envolvidos e marcada uma data de devolução dos

questionários, foi entregue também um termo de consentimento (APÊNDICE 1), com espaço para a autorização dos pesquisados, dando-lhes opção para divulgar, ou não, suas informações.

Procurou-se assim levantar questionamentos e dificuldades possíveis para a implementação da Filosofia nas salas de aula, bem como, conhecer alternativas e experiências já desenvolvidas na relação da implementação da Filosofia em seu retorno. Optou-se pelo questionário (APÊNDICE 2) por entender que este daria melhores resultados quanto a obtenção do entendimento dos gestores quanto os objetivos propostos. Como menciona Gil (2010, p.103),

O levantamento apresentará sempre algumas limitações no que se refere ao estudo das relações sociais mais amplas, sobretudo quando estas envolvem variáveis de natureza institucional. No entanto essas técnicas mostram-se bastante úteis para a obtenção de informações acerca do que a pessoa sabe, crê ou espera, sente ou deseja, pretende fazer, faz ou fez, bem como a respeito de suas explicações ou razões para quaisquer das coisas precedentes.

As informações foram analisadas por intermédio de uma categorização simples, analisando o conteúdo referente às principais temáticas desta pesquisa, com a finalidade de compreender o que o montante dos colaboradores tem a dizer através dos questionários: palavras, frases, anseios, ou qualquer outra situação coerente com as análises, pois entende-se como análise de conteúdo uma maneira de “estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros conhecidos, quer sejam derivados das teorias, quer sejam estudos realizados anteriormente” (GIL, 2010, p.113). Foram levadas em consideração quaisquer manifestações nesta ligação entre Filosofia e Gestão Escolar, agrupadas por categorias, as quais terão a finalidade de expressar “[...] padrões que emergem dos dados e são utilizados com o propósito de agrupá-los de acordo com a similitude que apresentam” (GIL, 2010, p.122).

Dado o processo de pesquisa e análise planejado, serão utilizados procedimentos comuns, para melhor guiar o projeto, visando obter resultados mais satisfatórios e garantidos, e possibilitando possíveis construções de alternativas.

2 A RELAÇÃO ENTRE GESTÃO EDUCACIONAL E FILOSOFIA

2.1 Importância da Filosofia formação humana

Uma frase de Silva (2006, p. 3) ajuda a explicitar a importância da formação humana. Ele menciona que “ao se produzir ordem social, são criados padrões coletivos segundo os quais as pessoas são formadas”, expondo que são esses padrões pré-estabelecidos que conseguem almejar uma convivência sociável na sociedade, de modo que:

É tarefa de uma ética pública racional *évaluer la politique*, investigando a concepção de sociedade justa que a sustenta, bem como o critério ou conjunto de critérios que definem o que vem a ser o bem estar e os direitos das pessoas. A discussão da ética pública permite compreender as tendências da formação humana numa coletividade.

Primeiramente, antes de demonstrar onde a Filosofia e a Gestão se encaixam neste tema, se faz importante esclarecer aos leitores o que vem a significar a expressão “formação humana” nesse texto. Na maioria dos casos estabelece-se ligação direta ao que se refere à humanização, visto que, quando acontece o nascimento a sociedade interpreta uma tabula rasa, a ser preenchida e pré estruturada na maneira que a sociedade em geral se comporta. Aqui entram as análises dos casos de meninos-lobos, ou alguns outros casos que se tratam de pessoas que nascem com múltiplas deficiências, não conseguindo ser introduzido à cultura humana. (ARANHA; MARTINS 1986)

Diferentemente do processo de transmissão de cultura a que estamos acostumados entender, este texto busca uma conscientização a respeito da visão posterior da formação humana, superando o primeiro momento de sociabilização, básico em todos os seres humanos, como admite Rodrigues (2001, p.240-241): “A formação humana resulta de um ato intencional, que transforma a criatura biológica em um novo ser, um ser de cultura”, e focando na autogestão do espírito reflexivo, buscando um protagonismo capaz de alavancar a vida plena dos indivíduos.

Então, ao mencionar que se busca demonstrar a importância da Filosofia na formação humana, há uma tentativa de fazer o leitor compreender que a Filosofia

está além de um pressuposto teórico, e que tem ampla ligação com a busca do indivíduo em encontrar-se a si mesmo, e descobrir seu caminho e sua função social.

Normalmente, ao mencionar a palavra Filosofia, logo vem um processo natural de esclarecer que ela significa, antes de qualquer coisa, o amor ao saber, ou busca contínua pelo conhecimento. Não é errado, pois é de extrema importância esclarecer de que o texto trata, e qual sua aplicabilidade. Contudo, quando mencionamos a Filosofia, no que se refere ao senso comum, esta expressão começa a parecer algo distante da realidade de muitos, quando a Filosofia é tão real, e tão presente ao cotidiano dos indivíduos que é importante um mínimo de cuidado para não fazermos de sua descrição, um “monstro” intocável, que facilmente é desprezada, como menciona K. Jaspers:

O que seja Filosofia e qual seja seu valor é algo questionável. Nós esperamos dela esclarecimentos extraordinários ou a poremos de lado, com indiferença, como um pensamento sem objeto. Nós a vemos timidamente, como o esforço significativo de pessoas incomuns ou a desprezamos como meditação supérflua de sonhadores. Nós a consideramos uma coisa que interessa a todo mundo e, por isto, no fundo teria de ser simples e compreensível, ou nós a consideramos tão difícil, que seria desesperado ocupar-se com ela. O que aparece sob o nome de Filosofia oferece, de fato, exemplos de julgamentos tão opostos. (JASPERS apud ANZENBACKER, 2009, p. 09)

Se a Filosofia for vista como um processo de pensar mais criticamente, todos os indivíduos são filósofos por natureza, e praticam em algum momento da vida: quando os gastos cotidianos tornam-se maiores que os ganhos há um momento de reflexão para solucionar o problema; quando a saúde não anda bem, há um momento de reflexão para analisar o problema e ver da necessidade ou não de procurar um especialista; frente a uma situação inusitada apela-se para um processo reflexivo baseado em algumas experiências, ou pré-saberes. Enfim, basta existir o ser humano para que os processos filosóficos floresçam em algum momento e, talvez, por este motivo, uma outra expressão de K. Jaspers se encaixe melhor no que se refere à definição da Filosofia:

A Filosofia é o pensamento no qual torno-me íntimo do Ser mesmo, por meio da ação interior, é o pensamento no qual torno-me eu mesmo. Ela é, em outras palavras, o pensamento que prepara o lançar-se na transcendência, recorda-o, e até, num instante sublime, o produz, enquanto é atividade de todo o homem no seu pensar. (JASPERS apud ANZENBACKER, 2009, p. 15)

Assim, a Filosofia, vista como um processo inerente ao ser humano, pode ser trabalhada nas escolas e nas entidades com maior tranquilidade, pois passa de um método técnico e difícil de ser estabelecido e interpretado, para uma atitude cotidiana a ser constantemente aperfeiçoada e que, vai aos poucos modelando os indivíduos e os conduzindo para a transcendência de seu ser.

Ao ver a Filosofia como uma postura diante do mundo, é fácil perceber sua influência na transformação das coisas, pois, se como seres humanos ficássemos satisfeitos com a elaboração do mundo como ela se dá, ou com o senso comum como costumamos mencionar, vivendo apenas da transmissão de cultura através dos instrumentos de linguagem, verbais ou não verbais, certamente não evoluiríamos. No entanto, é pelo pensar crítico que atinge o ser humano, o lançando na transcendência, que através do pensamento crítico o homem evolui, superando-se geração após geração.

Como menciona Paiva (2002, p.14),

O homem é eterno insatisfeito com a sua intenção. Às vezes, precisa de coragem para partir em busca do sentido da sua vida e do mundo que o cerca. Sempre desafiado pelo contexto, necessita empreender a marcha abraâmica rumo à terra da benção que desvela o Ser. A tessitura dos acontecimentos exige dele postura cada vez mais lúcidas e críticas, que possibilitem uma vida autêntica, uma experiência genuinamente humana. Aqui a Filosofia torna-se antropologia, ou melhor dizendo, a Filosofia assume a tarefa de gerar o homem.

Como vemos, o ser humano traz em si a necessidade de buscar o pensamento autônomo. Necessidade essa que fez com que essa raça evoluísse e continue evoluindo, enquanto seus coirmãos mamíferos continuem em seus espaços naturais. A evolução da espécie humana se faz em constância por sua capacidade de aperfeiçoamento e transformação, além de sua capacidade de transmissão de experiências.

Contudo, o que precisa esclarecer que a Filosofia não se contenta em somente ser este espaço cotidiano, de atitudes fragmentadas postas em prática nos momentos de dificuldades dos indivíduos. Ela se consagra pelo convite do constante pensar, visando antecipar as situações problemas para proporcionar melhor qualidade de vida.

As três questões básicas: “quem somos?”, “de onde viemos?” e “para onde vamos”, rondam constantemente as mentes daqueles que se mostram apaixonados

pela atitude de pensar. Despertam o eterno questionar-se e, como consequência, atitudes mais críticas e condizentes com o pensamento racional e evolutivo.

A Filosofia é aliada da formação humana por conduzir os indivíduos para a formação da transcendência, que é a busca pela verdade, pelo sentido de todas as coisas e da própria existência. Dessa maneira coloca-se na escola como aliada da consciência crítica, podendo, de forma interdisciplinar, conduzir os educandos a reflexão sobre seus atos e sobre a sociedade em geral, e até mesmo com a escola, como coloca Lipman (1995, p.381) em sua obra “O pensar na educação”:

As Filosofia estimula o pensamento nas disciplinas pois assume a responsabilidade de ensinar os aspectos genéricos do pensamento que ocorrem em qualquer disciplina e porque é modelo daquilo que significa para uma disciplina refletir sobre a outra e ser crítica de sua própria metodologia.

Crê-se, com isso, que a formação humana encontra na Filosofia uma grande aliada, e a escola, por sua vez, ganha em permitir em seus espaços um filosofar para o pensar e para a o refletir, no que se refere ao aspecto de rever, redescobrir e constituir indivíduos críticos e ativos.

Sob a perspectiva freiriana, compreendemos que a prática educativa em momento nenhum é neutra. Ou ela opta por confrontar a realidade do educando, visando sua transformação, ou ela concede, através do menosprezo, uma prática de aceitação, tão alienável quanto a do educando quando este o faz sem intenção. Isso, porque não consegue fugir a seu atributo mais forte que é formar os indivíduos. Não é a única, já sabemos e mencionamos, mas, dada a conjuntura atual, é a entidade que com mais força consegue inserir-se no cotidiano do educando, interferindo no seu processo formativo.

Essa intervenção ocorre no momento em que a escola, como entidade de ensino, faz papel de mediação ou transposição didática, ou seja, decodifica o conhecimento científico, transformando-o em conhecimento cotidiano. É um processo básico de democratização do saber, que faz com que o educando tenha a capacidade de apropriar-se daquilo que está sendo produzido de melhor em termos de avanços científicos, e que de certa forma interferirá certamente, direta ou indiretamente, em sua vida.

É neste espaço que Horn (2008, p.187) vê a função de a Filosofia florescer com mais clareza para os olhos leigos.

É necessário portanto, que se cumpra com clareza e determinação este papel que lhe é específico e singular quando se trata de formação humana. A socialização do saber requer de um lado um distribuição minimamente equitativa e de outro uma apropriação crítica. Vem daí, basicamente a ideia de um ensino voltado à formação da consciência crítica, algo que, em certa medida, tornou-se um objeto de **jargão** da Filosofia.

O compasso que se abre a partir de então, é uma junção de funções, entre escola e Filosofia. Uma somando-se a outra, na busca por processo eficaz de democratização e formação humana, percebendo que a Filosofia já possui, junto ao saber crítico, a função de representar o pensar, e então, aplicada ao ensino das escolas, pode e deve contribuir para que os educandos se apropriem do conhecimento, de maneira crítica.

Quanto ao seu papel junto a escola, Horn (2008, p. 189) destaca o “compromisso político da escola com a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade na qual estão inseridos”. Daí vem uma série de representações, das quais podemos destacar duas a seguir:

[...] o ensino da Filosofia deve gerar o pensamento filosófico, seja qual for a idade do estudante. É característica desse enfoque a pressuposição de que o pensamento, filosófico envolve, por um lado, uma apreciação das ideias, dos argumentos lógicos e dos sistemas e dos conceitos e, por outro, uma evidente facilidade de se lidar com conceitos filosóficos, para superá-los e uni-los em novas formas (LIPMAN, 1997, p.68)

Assim, cabe aos gestores, contemplar este espaço, e conjugar em seu currículo ações interdisciplinares capazes de absorver esta capacidade de ajuda da Filosofia na formação de cidadãos mais críticos e protagonistas. É um desafio favorável a educação e também aos educandos.

Não se trata de pensar um projeto abismal, que revolucione o mundo, mas sim, pensar que a práxis da formação humana ocorre através das relações mais simples que ocorrem no cotidiano dos educandos, como menciona Aranha (1998, p.13): “[...] precisamos aprender a observar o mundo ao nosso redor, aprender a estar constantemente indignado: o que isto significa? O que isto quer dizer?”.

O fato de levar os educandos a questionar sua realidade, bem como, e porque não, levar aos próprios gestores e educadores a se questionar sobre o mundo e suas atitudes, garante um processo inicial de contemplação e admiração, que são essenciais para a superação do senso comum.

Nietzsche (2003) menciona em sua obra “Assim falou Zaratustra” (p.35) que das três fases de um espírito livre o mais importante é justamente aquele que o

homem consegue assemelhar-se a uma criança, ou seja, questiona tudo, vê tudo como novidade, não perde o espírito inventivo e não se preocupa em sempre recomeçar se assim for necessário.

É esse espírito que serve de base para a práxis da formação humana. Formar para o recomeço, para aquilo que está em potência, pronto para se tornar ato, como mencionaria Aristóteles. Mesmo sendo seres prontos e definidos, não podemos esquecer, como em Heráclito, que somos eternamente um vir-a-ser, um movimento contínuo que não deve ser negado, mas sim, que deve ser valorizado e reconhecido, em todas as suas infinitas formas de expressão.

2.1.1 A Filosofia e a evolução humana

A Filosofia faz parte da evolução humana, esteve presente no decorrer dos séculos sendo parte essencial da educação de príncipes e princesas e contribuindo na ciência, na política, na cultura, tornando-se ponto forte nas contestações dos dogmas sociais, originando atitudes filosóficas de pesquisadores, cientistas e pensadores.

Agora, a realidade vigente impõe um grande desafio aos educadores: formar pessoas com habilidades necessárias para transformar as múltiplas informações recebidas em conhecimento, ou seja, que esteja de acordo com sua realidade. A velocidade com que são produzidas e repassadas as informações exige uma nova postura dos indivíduos, para que tenham a possibilidade de perceber não somente o óbvio, mas também aquilo que está além do que as imagens e sons transmitem. Como menciona Cassol (2008, p. 143),

[...] a formação do ser humano e as exigências socioeconômicas, requerem mais. Continuamente, novas etapas, mais pesquisa, formação em serviço, aprendizado para a vida. Assim como a vida é uma escola, também a escola é para a vida toda.

Neste sentido, uma vez mais, a educação tem papel de destaque na formação deste novo ser humano. A simples transmissão de informações produzidas ao longo da história já não basta. Cabe à educação dar os instrumentos necessários para que, a partir do que já foi construído, as pessoas possam elaborar novos conhecimentos, desenvolver seu potencial criativo, enfrentar novos desafios, relacionar as informações e tirar suas próprias conclusões.

Assim, entendendo a educação como uma relação teoria/prática, onde a educação parta das situações-problema que educandos e educadores vivenciam em seu dia-a-dia, e juntamente com a comunidade consiga quebrar velhos paradigmas para reconstruir a escola, fazendo dela um reduto da democracia e da participação - lembrando sempre que mesmo a participação e a democracia não significam perda de foco no que se refere ao essencial do ato de ensinar-, a Filosofia surge como disciplina capaz de coexistir de forma interdisciplinar. Ou seja, a Filosofia e a escola como um todo, podem e devem ser participativas sem perder sua essência, mas sim, somando a essência de escola e da Filosofia a um papel social digno de quem tem o poder de formar cidadãos, e os formar com consciência. (GALLO;KOHAN, 1997)

O que falta é um ambiente mediador, articulador, que consiga fazer acontecer a práxis da transformação social através da utilização dos espaços coletivos de formação crítica. É o desafio para a Gestão Democrática da escola que, dentro do processo da descoberta (descobrir-se) como escola democrática ou não, ainda possui alguns entraves pessoais que condizem muito no momento de colocar em prática aquilo que é “perfeito” em teoria.

A beleza de descobrir-se como escola autônoma e participativa, passa pelo momento de reflexão e identificação de alunos, pais, funcionários e educadores como sujeitos da escola, contudo, isso não basta, é preciso compreender o espaço de cada um dentro do processo de participação e como cada um pode usufruir deste espaço. A autonomia da escola perpassa pela atitude de cada indivíduo envolvido que, trazendo para dentro da escola suas experiências, contribuem para o comprometimento com a qualidade contínua do ensino. (Rockwell, 1997)

A escola participativa direciona ao coletivo, ao complementar, onde mais que simplesmente participar há também a orientação, a preparação. O projeto pedagógico participativo, por ser escola, já traz em sua meta o grupo, onde todos precisam caminhar juntos, crescer juntos.

Verifica-se que o desenvolvimento da autonomia é um processo prolongado que demanda o envolvimento de todos na escola e implica mudança de atitude e colocação em prática de novos entendimentos, de modo a se poder mudar a cultura escolar [...] (LÜCK, 2008, p. 123).

Em outras palavras, embora se fale em coletividade, esta somente acontece através da potencialização das individualidades. Nessa busca por significação do

protagonismo adentra a Filosofia. Segundo Aranha (*apud* GALLO; KOHAN 2000, p. 117), “a atitude do filosofar supõe a aquisição de instrumentos conceituais para transformar a experiência vivida numa experiência compreendida [...] o filósofo-professor cuida da difusão, da socialização dos instrumentos com os quais os alunos possam desenvolver o pensamento crítico”.

“Despertar o ser humano para si próprio é o problema a ser desenvolvido (PAIVA, 2002, p. 25)”. Levar para a sala de aula as condições de transformar a consciência vivida em consciência compreendida é um desafio, para que a partir daí essa consciência possa se transformar em ato de questionamento e transformação.

É a base da escola democrática, que se faz reduto da construção de cidadãos conscientes e protagonistas de sua história, poder desenvolver andamentos interdisciplinares onde, como menciona Hora (1994), todos possam aprender, educandos, pais, alunos, funcionários, percebendo que:

[...] as transformações que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo, em consequência dos processos de globalização...exigem o exame [...] a fim de poder perceber os desafios que elas apontam e os possíveis encaminhamentos ou respostas [...](FERREIRA, 2001, p.97).

A análise dos problemas faz parte do aspecto formativo. É na prática que a teoria se ilumina e ilumina o saber, tendo possibilidade de se tornar dialética contínua, fortalecendo o senso comum da comunidade escolar, transformando-o em saber científico, ou saber crítico.

2.2 Gestão Democrática: o que é isso?

De modo técnico, a gestão se define por “um processo político-administrativo contextualizado, através do qual a prática social da educação é organizada, orientada e viabilizada [...] a gestão transforma metas e objetivos educacionais em ações, dando aspecto concreto às direções traçadas pelas políticas”. (BORDIGNON; GRACINDO, *apud* BRASIL, 2008, p.147).

Assim sendo, a educação é administrada para fins de diretrizes apontadas por um sistema capitalista, que visa captar mão de obra para suas necessidades mais urgentes. E então, vê-se os noticiários divulgar, a fala de que falta mão de obra qualificada no mercado de trabalho. No entanto, pode-se questionar o que significa “qualificação” para esses ramos industriários, e, da mesma forma, pode-se

questionar se não é papel desses ramos formar a mão de obra da maneira que eles tanto exigem, afinal, em meio a tantas cobranças qualificação pouco espaço resta para a formação humana dos educandos.

Por outro lado, questiona-se também o significado da palavra “democracia” quanto ao processo de formatação de diretrizes para a educação. Em vários momentos essas diretrizes são tomadas sob portas fechadas, por grupos de empresários e administradores, que pouco consideram os aspectos sociais, relevando-se nos aspectos econômicos. Mas afinal, onde fica então a discussão sobre a importância da família, da sociabilidade, da realização plena da vida? Até onde a sociedade em geral está conseguindo participar dessas discussões? São perguntas que respectivamente se remetem ao que se pensa ao mencionar a palavra democracia.

Ao falar sobre Gestão Democrática, se faz de extrema importância compreender de que democracia falamos, ou, ao menos, refletir sobre que tipo de democracia se vislumbra na escola. A democracia que se coloca neste contexto é espaço de ampla participação, mas não qualquer participação.

Se a proposta tem por base buscar especificar aquilo que traz em suas palavras, nada mais acertivo que reavivar o significado da palavra *democracia*. Bobbio (1986, p. 18) menciona que:

[...] o único modo de se chegar a um acordo quando se fala de democracia, entendida como contraposta a todas as formas de governo autocrático, é o de considerá-la caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos.

Para ele, é imprescindível que aqueles que são chamados à democracia devam ter condições de “poder de escolha”, ou seja, não podem ser meros coadjuvantes, outrora sim, se colocam em seu “direito de decidir” exibindo as preliminares do desenrolar do processo democrático. Ter direito de “voz e vez” é obrigatoriedade no processo democrático, desenvolver estes espaços para que eles aconteçam é uma necessidade.

Olhando a *democracia* descrita por Aranha e Martins (1986), é possível compreender de maneira indireta, através de um modelo diferente quanto definição de quem eram os cidadãos¹, o que se busca sobre este termo:

A palavra *democracia* vem do grego *demos* (povo) e *kratia*, de *Kratós* (governo, poder, autoridade). Historicamente, consideramos os atenienses o primeiro povo a elaborar o ideal democrático, dando ao cidadão a capacidade de decidir os destinos da polis (cidade-estado grega). Povo habituado ao discurso, encontra na ágora (praça pública) o espaço social para o debate e o exercício de persuasão. (ARANHA; MARTINS 1986, p.207)

A participação que se define através da democracia, é a “capacidade de decidir” em diálogo, que pelo ponto de vista crítico, é, antes de qualquer coisa, a junção de dois ou mais pensamentos (*logos*), que em choque, trazem a luz uma conclusão que seja mais abrangente e mais qualificada. É a definição de que não basta ter parte no espaço comunitário, ou simplesmente fazer parte daquilo que o cerca, a democracia chama para o tomar parte de qualquer espaço que esteja disponível, consciente de que não há atitude neutra: ou decidi-se, ou aceita aquilo que é imposto, que é uma maneira consciente ou inconsciente de decidir, ou optar pela aceitação. (ARANHA; MARTINS, 1986)

Há, sem sombra de dúvida, uma grande defasagem no que se refere a construção democrática de nossas escolas. Mesmo tendo evoluído muito, ainda não se chegou a um status onde a comunidade local se descobriu dentro da escola. Aí reside um problema, pois, pensar a democratização da escola, tem a ver com pensar o espaço da “comunidade escolar”, que engloba todos os funcionários das escolas (educadores, diretores, serviços gerais, entre outros), a comunidade local e principalmente as entidades desta comunidade.

Não bastam todos os gestores, juntamente com os pais, sentarem juntos ao redor da mesma mesa para um belo diálogo, sendo que fora deste espaço as entidades não se vêem responsabilizadas pelo aspecto escolar, primando simplesmente pela lucratividade, os demais munícipes constituírem um aspecto de julgamento e abandono as atividades extracurriculares que os educandos possam vir a desenvolver, e até mesmo dentro do espaço escolar, os demais funcionários se compreenderem como alguém que simplesmente tem horário a cumprir.

¹ Na Grécia antiga sabemos que apenas uma pequena minoria eram considerados cidadãos, excluindo mulheres, crianças e escravos. Em alguns casos até mesmo os soldados não podiam participar.

A educação é tarefa de todos! Caso contrário, se não houver essa ligação, esse enlace por parte de todos os cidadãos que querem a construção de uma sociedade mais justa, tem-se a perspectiva de as ações constituírem um simples ato isolado, sem a devida importância que mereceria obter. Preocupação expressa por Rockwell (1997, p. 19-20): “As pautas, relações e costumes característicos da escola se projetam no entorno social imediato, ampliando o âmbito formativo da instituição em contextos de família, trabalho e vida civil”.

Mesmo se tratando de uma utopia, pensar em uma participação tão ampla, ela não pode deixar de ser levada em conta. A perspectiva desejada é simplesmente que, a educação, colocada sob o tutorial da escola neste século (até mesmo os pais se vêem no direito de se eximir deste ato), precisa, aos poucos, voltar para todas as bases sociais. Esse é um processo de humanização, de partilha de experiências, que, acima de tudo, impede o acúmulo de responsabilidades e impede também que nossas crianças sejam “formadas” por vínculos ideológicos únicos, que são, por via até mesmo inconsciente, transmitidas pelos nossos educadores.

Então, se faz o papel da escola, através de seus gestores, preparados em seus papéis, descobrir que, a escola ainda é modelo de entidade, e mesmo defasada serve de referência para a sociedade. Não se pode esquecer que os responsáveis pela formação dos futuros médicos, enfermeiros, advogados, engenheiros, Professores, empresários, e quaisquer outra profissão, ainda é a escola, sendo então, os exemplos da escola de fundamental importância para a educação dessas crianças de não se fundarem-se como futuro de nosso planeta.

Essa percepção já tinha Piletti e Piletti (1986) em “Filosofia e história da educação”, quando mencionava:

O primeiro caminho, indispensável à solução dos problemas que a educação brasileira enfrenta, é a democratização da própria escola. Esta democratização está intimamente ligada à da sociedade como um todo. Mas a escola não pode esperar que a sociedade mude para dar contribuição a democracia; assim, na medida em que modifica sua estrutura interna, de forma a possibilitar a todos os seus membros uma participação ativa no planejamento, na execução e na avaliação das suas atividades, a escola está educando para a democracia e contribuindo para a democratização da sociedade. (p. 250)

O que Piletti e Piletti (1986) aborda é que a escola é reflexo da sociedade em geral, contudo, não sendo está última a que toma iniciativa do processo, cabe a escola, como entidade consciente de seu papel, buscar através de exemplos,

despertar nos educandos, e por meio deles em seus pais, estendendo-se assim aos demais ramos da sociedade, a conscientização a respeito da importância da democratização e da participação.

A reflexão que Piletti e Piletti (1986) instaura é que a escola se distancia tanto da comunidade, que a ela parece entranha, assim como os assuntos trabalhados pelos educadores. Por ser a escola algo não comunitário, torna-se “conteudista”, e refém de processos aleatórios e mecanicistas, que dificilmente serão aprendidos, e de nada trarão alguma contribuição para a vida comunitária.

A escola não pode continuar isolada, segregada da comunidade em que atua. Observa-se que, atualmente, até mesmo a aparência física da escola aparece como algo estranha dentro da comunidade. Geralmente, é um prédio que sobressai entre as casas, cercado por altos muros, muitas vezes encimados por fios de arame farpado, com portões fechados a chave e controlados por vigias. Os alunos só entram no horário de aula e é “proibida a entrada de pessoas estranhas”. Conseqüência natural é que a escola muitas vezes não é vista e sentida como um bem comunitário, que está a serviço da população local. Estimula-se pouco ou nada a responsabilidade comunitária pela escola. Dessa situação às depredações de que muitas escolas, especialmente nas grandes cidades, são vítimas o caminho é curto e rápido. (p. 252)

O chamado é extremamente importante. Daqui pode sair um questionamento básico a se fazer a todos os gestores e educadores das escolas: que ações estão sendo desenvolvidas nas suas escolas, que realmente estão causando impacto social e de aprendizagem? De todas as atividades de fachada para mostrar resultados, quais realmente estão sendo aproveitadas, tanto por educadores, como por pais e educandos? A transmissão de cultura, no processo de ensino, deve estar alinhada com os problemas locais, caso contrário, serão esquecidas antes mesmo de chegarem em casa.

Se for complicado aos gestores compreenderem essa lição social, basta questionar a todos, quais conseguem ainda ouvir uma palestra de duas horas em um assunto que não lhes traz interesse. Alguém consegue? Porque se quer isso dos educandos então? E mais, porque se quer que fiquem 4 horas diárias, durante 200 dias letivos escutando temas que não lhes servem para nada? Às vezes falta um pouco de reflexão em cima das atitudes das escolas.

Segundo Celso Vasconcellos (2011), falta a alguns educadores lembrar que, mesmo com baixos salários, mesmo com más condições de trabalho, tem-se a frente, na sala de aula, um desafio de formar indivíduos e a possibilidade de

transformar a realidade social de muitos deles, mas para isso, precisa, antes de tudo, transformar suas aulas. Se esta é a realidade, é este o ponto de partida que deve-se tomar para a transformação.

Agora, ampliando o questionário sobre a ação da escola pode-se questionar: se para os alunos as aulas são desestimulantes, o que será que os pais desses alunos pensam sobre essas aulas? Será que eles apóiam os alunos a participarem de espaços que de muito pouco servem para sua vida? Olhando pelo exemplo de uma família simples de catadores de lixo. O que é mais importante para o pai, ver seu filho o ajudando a catar lixo na rua, garantindo assim sustento da família e o alimento de cada dia, ou vendo ele ir para a sala de aula aprender sobre a revolução francesa, ou o quadrado do cateto do triangulo?

Como deve ser complicado para os pais, quando gestores os chamam para a escola para dizer que seus filhos não estão aprendendo. É como ir ao dentista e o mesmo lhe dizer que você tem problemas com o dente e que ele está doendo. Já sabe-se os sintomas, a necessidade é juntos encontrar soluções, dialogando a respeito de possibilidades.

A integração escola-comunidade que propomos vai além do trabalho manual. Precisamos ultrapassar o estágio em que os pais e a comunidade só são chamados à escola para tomarem conhecimento dos resultados – geralmente insatisfatórios – obtidos por seus filhos, para pagar as taxas da Associação de Pais e Mestres ou para contribuir na manutenção da Escola através de festas. (PILETTI; PILETTI,1986 , p. 252)

É chegada a hora de rever os processos da escola. Não há necessidade de abandonar os conteúdos básicos a serem inseridos, e que são cobrados verticalmente através de diretrizes que aprisionam o trabalho das escolas, contudo, esses mesmos conteúdos podem e devem ser dinamizados. A escola precisa estar presente na comunidade e a comunidade precisa estar presente na escola. É essa interação que pode transformar a relação escolar e dar possibilidades da escola ser vista com outros olhos. Tudo aquilo que tem a participação, normalmente gera constante acompanhamento. Se alguém compra um carro novo, seguidamente analisa para ver se esta tudo bem com ele, no mesmo intuito, pode-se querer entender que, se alguém participa de ações praticas na escola, vai querer saber quais foram as conseqüências da ação, e como está o andamento do processo. É uma forma de comunidade e escola se entrelaçarem para construir um cotidiano escolar melhor, sendo também a plena manifestação da comunidade escolar.

Mello e Cóssio (2006) têm uma frase interessantíssima em um artigo da obra “Gestão e políticas da educação”, onde tenta sintetizar o significado e a ação da escola onde funciona a gestão democrática:

Ao pensar em gestão democrática da escola é preciso compreendê-la a partir de suas especificidades, das pessoas que a compõem, das relações de poder em disputa, das relações que estabelece com a sociedade, que papel desempenha ou imagina desempenhar na comunidade local para, a partir da realidade, oportunizar mecanismos de reflexão e debates coletivos, criar espaços de participação institucionais [...] com a colaboração de todos os segmentos da comunidade (p. 32)

Mas, na mesma obra Mello e Cóssio (2006) chamam a atenção para a forma como esse processo deve ser construído:

Assim, a democracia na escola e/ou nos sistemas ou redes de ensino será construída por meio do embate entre o já conhecido e o não mais desejado e o desejado e o ainda não conhecido, pela reconstrução das relações de poder, transformando-as em relações de autoridade partilhada, pela desfamiliarização com o poder dominante, desconstruindo as relações verticais e buscando a solidariedade (p.42).

As autoras em questão trazem então alguns aspectos novos quanto a forma de refletir sobre maneiras de atingir a gestão democrática, que começa pelo afastamento do poder dominante, destruindo assim as manias da gestão vertical e instituindo um processo de solidariedade entre todos os componentes da comunidade escolar.

É interessante a maneira como a expressão “ressignificação” é usada em um texto de Naura Ferreira, intitulado “Repensando e ressignificando a Gestão Democrática da educação na ‘Cultura Globalizada’”. Ferreira fala sobre uma nova ética a ser buscada nas escolas, ética essa que possa combater as conseqüências desarticuladoras do mundo globalizado:

O novo sentido da gestão democrática da educação é o de humanizar a formação nesta “cultura globalizada” dirigida, virtualmente, pelo capitalismo. Este novo sentido exige que os educadores – professores, pais, gestores, políticos e todos que tomam decisões sobre os destinos da humanidade – comecem a inquietar-se com as conseqüências psicológicas e sociais que os excessivos uso e consumo de universos virtuais criam. Uma “realidade irreal” que passa a constituir-se em um “virtual real” (2004, p.16).

A inquietude de que fala Ferreira, tem a ver com a “indignação” mencionada por Freire (1996), que não consegue aceitar, em sua atitude de educador que seus educandos sofram com as necessidades físicas, mas também intelectuais, tendo

estes o direito de saber aquilo à que estão expostos. Quebrar estes paradigmas pré-construído pelo mundo moderno é demonstrar que somos *Homo Sapiens Sapiens* - aqueles que sabem que sabem, que podem e devem ter “*com-ciência*” de seus atos.

E assim:

Mais do que nunca se faz necessário humanizar a formação e as condições de trabalho e de existência dos profissionais da educação. Mais do que nunca se faz necessário ressignificar a gestão da educação a partir de outra base ética, que permita fazer frente aos desafios constantes da “cultura globalizada [...]” (FERREIRA, 2004, p.05).

O desafio se lança junto à utopia de uma nova escola, que volte a ser atrativa para educandos, educadores, diretores, pais e sociedade em geral. Se a escola quiser ser de verdade democrática, necessita começar um processo de valorização daquilo que tem em si, sem deixar de dar abertura para o novo, sempre lembrando que todos têm voz e vez em sua construção cotidiana.

2.3 A (re) introdução da Filosofia nas Escolas

Ao mencionar este título, segue-se a compreensão de que em alguns espaços optaram por manter a disciplina em suas grades curriculares desde o momento em que ela foi retirada das escolas públicas. Essas instituições de ensino, principalmente as de procedência ligada às congregações religiosas, apenas visam na atualidade uma readequação de espaços e metas da disciplina, na tentativa de modernizá-la em suas aplicabilidades.

Porém, quando se menciona (re) introdução da Filosofia nas escolas (ANEXOS 1 e 2) no sentido que o texto vem expondo no decorrer dos parágrafos escritos, quanto a sua importância na formação humana e na evolução da comunidade escolar, há uma reflexão de que este processo, do retorno, por enquanto não está se dando da maneira almejada pelos profissionais desta área. Esta preocupação vem sendo demonstrada constantemente nos simpósios de educação, e já fazem parte até mesmo de artigos e livros, como no texto que se segue, escrito e publicado por Horn (2008, p.181):

Grande parte dos responsáveis pela educação no Brasil compreende a importância da disciplina de Filosofia em nossas escolas. Essa tomada de posicionamento em muito contribui com as lutas pela reimplantação dessa disciplina nas grades curriculares. Se até bem recentemente o embate se dava mais no campo reivindicatório, pela definição de um espaço e de um

lugar no currículo, o problema mais urgente, no momento atual, é relativo ao campo epistemológico – à qualidade da Filosofia que se oferece aos estudantes.

Distinguindo os espaços de gestão democrática e formação humana, é possível ter uma base de que relação se busca. Contudo, é mister compreender que somente por palavras não será atingido tal objetivo. Para que essa utopia transforme-se em realidade deve haver a realização da aplicabilidade da Filosofia nas salas de aula.

Nada mais correto neste momento entender o que o próprio documento do Ministério da Educação e Cultura (MEC) fala sobre a questão da implementação da Filosofia nas salas de aula:

Tendo deixado de ser obrigatória em 1961 (Lei no 4.024/61) e sendo em 1971 (Lei nº 5.692/71) excluída do currículo escolar oficial, criou-se um hiato em termos de seu amadurecimento como disciplina. E embora na década de 1990 (Lei nº 9.394/96) se tenha determinado que ao final do ensino médio o estudante deva “dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (artigo 36), nem por isso a Filosofia passou a ter um tratamento de disciplina, como os demais conteúdos, mantendo-se no conjunto dos temas ditos transversais. (BRASIL, 2008, p.18)

Mesmo sendo desanimador reconhecer isso, em uma pesquisa, realizada no ano de 2009, na região do Médio Alto Uruguai do RS, para a construção do projeto de pesquisa intitulado “A Formação do Docente de Filosofia na Educação Básica: Necessidades e Perspectivas”, percebeu-se que mais de 50% das escolas públicas possuíam educadores de outras áreas ministrando Filosofia para os educandos². A dificuldade de encontrar profissionais da área para trabalhar os conteúdos de Filosofia foi tamanha, que o relatório final apresentou a seguinte análise:

Tendo como local as dependências da URI (Campus de Frederico Westphalen), onde possibilitou-se a interação entre educandos (acadêmicos) e educadores visando o desenvolvimento das atividades, desenvolvemos um total de 08 (oito) encontros, completando um ano do Plano do Bolsista “A Formação Do Docente De Filosofia Na Educação Básica: Necessidade E Perspectivas”, conforme projetado no cronograma, com um total de 16 (dezesseis) integrantes diretos, sendo eles 07 (sete) professores e 09 (nove) acadêmicos, somando a eles, professores convidados para relatar suas experiências de trabalho a cada encontro. (MARANGON; ZUCHI, p.14)

² Essa pesquisa preliminar teve o objetivo de ver a necessidade de um projeto formativo para educadores da área de Filosofia das escolas públicas. O projeto foi desenvolvido pelo Ms. Claudir Miguel Zuchi, coordenador do Curso de Filosofia na URI – FW, e pelo, na época graduando em Filosofia, Marcio Luis Marangon, autor deste trabalho. O projeto foi premiado em 2009 como melhor projeto de extensão da URI.

Esse demonstrativo numérico acrescenta que, não somente existem poucos profissionais da área trabalhando, mas também, que os profissionais de outras áreas que trabalham Filosofia não dão o mesmo valor para a formação continuada, visto que, não sendo a área de trabalho dos mesmos, não sabem o tempo que ficarão ministrando esta disciplina, o que não lhes instiga um investimento de preparação.

Já há uma preocupação até mesmo do MEC sobre a aplicabilidade da disciplina, sobre a seriedade com que ela está sendo encarada, e principalmente sobre a forma com que ela está sendo ministrada. Afinal, sua eficiência perpassa por profissionais preparados para ministrá-la, e principalmente por um seguimento, por isso, os parâmetros foram estabelecidos:

Conjunto particular de conteúdos e técnicas, todos eles amparados em uma história rica de problematização de temas essenciais e que, por conseguinte, exige formação profissional específica, só podendo estar a cargo de profissionais da área. (BRASIL, 2008, p. 18)

E alerta:

No entanto, somente os parâmetros não garantem a boa qualidade da disciplina, é preciso ter profissionais qualificados, e para isso, é preciso ter espaço para que esses profissionais se qualifiquem, assim como há espaços para as demais disciplinas. Não basta então o talento do professor se não houver igualmente uma formação filosófica adequada e, de preferência, contínua (BRASIL, 2008, p. 19).

Embora seja louvável esta discussão, há um agravante neste problema que deve ser levado também em consideração, e que nem sempre os profissionais do MEC o fazem: na maioria das escolas, poucas são as turmas que possuem a disciplina, isso reduz muito a carga horária dos educadores desta área. Financeiramente torna-se assim uma dificuldade para os educadores de Filosofia sobreviver de sua profissão. Isso dificulta e muito a perspectiva de que esse profissional se qualifique.

Não se pode entrar na onda mercantilista que os melhores sobrevivem e se dão bem. Nem sempre é assim. No caso da Filosofia o mercado de trabalho que suporta uma faixa salarial considerável é extremamente baixa, e se reduz na maioria dos casos a universidades e escolas particulares, que possuem uma remuneração mais compatível, não somente com esses profissionais, mas também com todos os profissionais da educação.

Outra realidade constante é a falta de material didático adequado para trabalhar a disciplina. Em muitos casos educadores se vêem reduzidos ao trabalho do “Mundo Jovem”, ou, retiram do seu próprio vencimento salarial dinheiro para comprar livros e destes retirar fotocópias para dar aos seus alunos a oportunidade de ter contato com obras que desenvolvem temáticas com maestria, aumentando a possibilidade de crescimento crítico dos educandos. A dificuldade do material didático é uma questão a mais para compreender o “porquê” da necessidade de que, para ministrar Filosofia, é essencial um profissional da área. Em muitos casos, quando não há essa preparação adequada, o modelo de ensino da Filosofia torna-se arcaico, como comenta Gallo e Kohan (2000, p.35):

O legado desta prática educacional, baseada na idéia do aprendizado mediante a instrução ou a assimilação dos sistemas, estabeleceu-se como um modelo próprio para o ensino da Filosofia, a saber, a aprendizagem em filosofia passou a ser sinônimo de aquisição dos sistemas filosóficos.

Um vetor que em muitos casos passa despercebido é que “não se formam filósofos num mero processo de autoreprodução. Eles são formados para educarem filosoficamente todos os sujeitos educandos como futuro integrante da *pólis*.” (SEVERINO, 2008, p. 169). A educação é especial, é diferenciada.

Portanto, não basta devolver a Filosofia a sala de aula. É preciso devolve-la com qualidade. Dar o espaço a ela merecido e levar a sério a função que ela pode desenvolver, respeitando as diretrizes a elas relacionadas, mas, sem prendê-la em objetos fixos e sem também confundi-la como a única responsável por salvar o espaço moral da escola. De nada vale a Filosofia se as demais disciplinas trabalham ainda em ritmos mecanicistas.

2.4 O papel dos Diretores na implantação ou (re) introdução da Filosofia nas Escolas: a democracia em foco

O professor da UFPR (Universidade Federal do Paraná), Teobaldo Horn (2008, p.181), faz um apelo e ao mesmo tempo um chamamento aos diretores:

É preciso que todos os professores e gestores de escolas, preocupados com a questão do ensino em geral, e do ensino da Filosofia em particular, mantenham-se alertas, pois corremos o risco de perder a oportunidade de propiciar aos estudantes o exercício consciente da reflexão filosófica por conta de práticas pouco consistentes.

De grande valia compreender o que o MEC estabelece em suas diretrizes, e coloca em relação à função da Filosofia, a começar por sua transdisciplinariedade:

Outra decorrência da obrigatoriedade da Filosofia é, por conseguinte, uma reflexão sobre sua especificidade e seus pontos de contato com outras disciplinas, cabendo ressaltar que, a nosso juízo, a Filosofia não se insere tão-somente na área de ciências humanas. A compreensão da Filosofia como disciplina reforça, sem paradoxo, sua vocação transdisciplinar, tendo contato natural com toda ciência que envolva descoberta ou exercite demonstrações, solicitando boa lógica ou reflexão epistemológica. (BRASIL, 2008, p.20).

A escola, sendo um movimento constante entre as disciplinas, pensando isso em um patamar de formação integral do ser humano, lança-se, como um grande desafio aos diretores:

O diretor pode e deve assumir a condição de dirigente desse movimento, considerando o caráter de pluralidade cultural da escola pública, administrando as controvérsias que nela se manifestam e estabelecendo uma rede de relações entre alunos, professores, funcionários e pais e comunidade do entorno da escola. (GENRO, 2007, p. 09)

Muitos se perguntam sobre o espaço do diretor dentro da escola democrática, e não é uma pergunta de toda errada, até porque fica difícil em alguns momentos saber até que ponto o gestor intervém nas atividades. Em verdade, não é o papel do diretor em si que se vê em dúvida, mas sim, o papel da democracia que deixa os envolvidos em dúvida. Se o poder é de todos, alguém deve tomar a frente?

Rousseau (1973) pode iluminar essa discussão. Quando desenvolveu o contrato social, Rousseau estava no mesmo jogo de palavras, afinal, distribuir o poder, em um mundo acostumado a ser dominado, é um desafio. Não o desafio de distribuir o poder, mas de ver quem faz o que, e até onde deve fazer.

Por este motivo, na obra “Do contrato social” este autor esclarece em duas passagens a relação entre as bases: governante e democracia. Na primeira ele estabelece a distinção de que ponto pode atingir o poder de quem está a frente:

Afirmo, pois, que a soberania, não sendo senão um exercício da vontade geral, jamais pode alienar-se, e que o soberano, que nada é senão um ser coletivo, só pode ser representado por si mesmo. O poder pode transmitir-se, não, porém, a vontade. (ROUSSEAU, 1973, p.45)

O que esta primeira passagem tenta mostrar, traduzindo para aquilo que tentamos mencionar através do papel da democracia, é que, quando falamos em gestar algo, estamos distanciando daquele primeiro contato do “administrador”,

aquele que ordena, que manda, que verticalmente faz suas vontades através da obediência de seus comandados. Quando Rousseau demonstra que o poder é transmitido, porém a vontade não, quer dizer que tanto educandos, como educadores, funcionários em geral, e comunidade, não deixam de ter suas vontades e necessidades. Delegam o “poder”, que é nada mais que o posto organizativo, aquele espaço que centraliza informações para disponibilizá-las com maior agilidade, que é capaz de juntar as ações, pensar o equilíbrio em prol de todos. O povo continua com suas “vontades”, e requer do diretor um olhar para as necessidades e possibilidades.

Talvez a palavra “vontade” possa parecer algo simplório demais, quando na verdade queremos falar de impulsos, desejos, expectativas. O diretor precisa ser um pouco economista, ou seja, saber equilibrar vontades ilimitadas para recursos limitados, precisa estar atento, saber limites e estabelecê-los por conhecer as realidades em que a escola está inserida. Freire (1996, p. 99), tem uma intervenção interessante quando ao modo de agir daqueles que cuidam da escola. Ele diz: “Enquanto presença não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos minha capacidade de analisar, de comparar de avaliar, de decidir, de optar, de romper”.

De maneira alguma o diretor perde seu espaço na democracia. Pelo contrário, ele é mais importante que em um espaço ditador. Imaginamos que no espaço ditatorial, aquele que exerce o poder, o faz segundo suas intenções, ou segundo as intenções de uma pequena maioria, tendo pouca influencia direta na vida das pessoas. Suas atitudes são opressoras e perdem importância perante o grande público.

O diretor não, este, é expressão da grande maioria, é acompanhado de perto, e torna-se referência para muitas atitudes. Por este motivo, Rousseau faz um comparação muito feliz, entre aquele que se vê na frente do espaço democrático.

Quando me dirijo a um objeto, é preciso primeiro, que eu queira ir até ele e, em segundo lugar, que meus pés me levem até lá. Queira um paraplégico correr e não o queira o homem ágil, ambos ficarão no mesmo lugar. O corpo político tem os mesmos móveis [...] Necessita, pois, a força pública de um agente próprio que a reúna e ponha em ação segundo as diretrizes da vontade geral, que sirva a comunicação entre o Estado e o Soberano, que de qualquer modo determine na pessoa pública o que no homem faz a união entre a alma e o corpo. Eis qual é, no Estado, a razão do governo, confundido erroneamente com o soberano, do qual não é senão o ministro (ROUSSEAU, 1973, p.79).

Talvez a palavra reunir seja muito bem elaborada para definir a função deste gestor que queremos mencionar. O ato de reunir as ideias, de conduzir o desejo da comunidade escolar para sua realização. O gestor democrático é o maestro de uma orquestra que busca sintonia para uma boa apresentação, regendo os atos e provocando em todos os participação efetiva.

Retoma-se aqui as palavras iniciais de Tarso Genro, quando este menciona que o gestor deve procurar equilibrar a “pluralidade cultural da escola pública, administrando as controvérsias”. É o pensamento de colocar os pés no chão contra as utopias generalizadas de muitos democratas. Falar democracia é também saber que, além das potencialidades, os participantes trazem consigo seus problemas sociais, e esperam de alguma forma que este espaço coletivo possa resolver, ou pelo menos servir de suporte para a resolução de seus problemas. (ALMEIDA, 2007)

Estes problemas sociais cobram do diretor também uma atitude de dinamizador do espaço democrático, ou seja, aquele que consegue melhorar as relações e acrescentar aquilo que cada um tem de melhor. Lembrando sempre que não é ele o único que deve buscar essas conquistas.

A comunidade escolar como um ‘todo’ precisa ser gestora, decidindo junto, contribuindo, tendo ações determinantes quando necessário, fazendo seu espaço acontecer para que a gestão não se torne administração, e nem, o diretor se sobrecarregue e a democracia se torne demagogia, onde tudo acontece por acontecer e a “buniteza” do processo se perca:

Descobrir [...], os múltiplos sentidos da experiência escolar, e trabalhar a construção de um novo objeto de estudo: a escola cotidiana. (ROCKWELL, 1997, p. 18)

Evitar o entusiasmo excessivo do processo é parte determinante para que ele possa acontecer. Não se deve esquecer jamais que “muitas dessas tarefas ditas educativas são de responsabilidade primeira da família, ou de órgãos da sociedade civil ou do Estado, dos partidos políticos, assim como o são das igrejas ou dos setores produtivos”.(ALMEIDA, 2007, p.14)

Mas também, e em última instância, “o que o grupo gestor (ou membros do órgão administrativo) pensa, ou os consensos e acertos provisórios sobre princípios norteadores da ação do grupo, irão condicionar as atividades propostas/executadas

por cada administração. (CORREA, 2006, p.20). Por isso, o papel do diretor como gestor é o daquele que sabe equilibrar a balança, exercendo a função de deixar a administração da escola cada vez mais horizontal e solidária, sem deixar de ser o coordenador da ação.

3 A SITUAÇÃO DA FILOSOFIA NO MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)

3.1 As instituições pesquisadas e seus colaboradores

Após entender a caminhada da Filosofia ao longo da história, e justificar a relação entre a Filosofia e Gestão Educacional, apontando para a necessidade da formação humana e da formação de indivíduos mais críticos e participativos, o presente trabalho traz neste capítulo a percepção prática de educadores, tendo como local sede desta pesquisa o Município de Constantina (RS).

Situada na região noroeste do Rio Grande do Sul, à Capital 307,55Km Constantina foi povoado em 1919, com predominância da colonização alemã, tem seu nome como expressão da última palavra de Benjamin Constant, nome da vila antes da emancipação, que aconteceu em 1959. Atualmente o município conta com 9.741 habitantes, segundo dados do último censo, realizado pelo IBGE no ano de 2010, dividindo-se 3.244 habitantes rurais e área 6.497 habitantes na área urbana. Com uma Área de 203,00 km², tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0.79 (PNUD, 2000).

Para que a pesquisa fosse possível, contou-se com a colaboração da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a qual autorizou a pesquisa e indicou as escolas municipais que possuíam Filosofia. Para fins de esclarecimentos, o município possui 09 escolas públicas, sendo que uma delas trabalha apenas com Educação Infantil, não possuindo Filosofia e outra trabalha com Educação Indígena, na qual, a disciplina de Filosofia foi substituída devido a necessidade de se trabalhar a língua indígena. Portanto, a pesquisa teve como base de pesquisa 07 (sete) escolas da rede pública municipal, onde a Filosofia é trabalhada no Ensino Fundamental e também 01 (uma) Escola Estadual, na qual a Filosofia é trabalhada no Ensino Médio, totalizando 08 escolas.

A pesquisa contou com este apoio “extra” da Filosofia no ensino fundamental, caso ainda pouco comum na rede pública de nosso país, de modo a engrandecer ainda mais a pesquisa, e dar possibilidades de novos olhares sobre o ensino da Filosofia.

Para fins de esclarecimentos, vale ressaltar que de 08 escolas, 06 devolveram os questionários. As justificativas foram variadas, desde a afirmação da

falta de tempo para responder, até mesmo a declaração de que, não contendo a formação necessária para a resposta, teriam muitas dificuldades para responder e por isso, gostariam de não colaborar suas afirmações. Entretanto, essas negativas quanto às respostas aos questionários serão consideradas para análise, entendendo, como Freire (1996), que não existe neutralidade nas ações dos educadores.

Participaram da coleta de informações os diretores, os coordenadores pedagógicos e os educadores de Filosofia nas escolas, usando como critério de escolha destes participantes, o grau de envolvimento com a disciplina e, conseqüentemente, com a relação que a esta possa ter com a escola e o desenvolvimento de projeto e de formação da mesma. Salienta-se que em algumas escolas, por possuírem poucos alunos, não há Coordenador Pedagógico, sendo que a pesquisa fixou-se então no educador e no diretor, não expandindo para demais professores para não fugir do foco que é analisar a Filosofia através daqueles que estão envolvidos diretamente com ela.

A seguir serão descritos os educadores de sala de aula, coordenadores e diretores e as escolas analisadas. Os Professores que trabalham em sala de aula serão identificados como “P”, o coordenadores como “C” e os diretores como “D”. As escolas serão nomeadas de 01 a 06, quando existir mais de um colaborador na mesma função, será identificado através de um segundo número que será separado por um ponto. Desta forma teremos, por exemplo, o colaborador P6.1 (2011), sendo que a letra “P”, indica que o mesmo atua em sala de aula. O primeiro numero (6) representa a escola, e o segundo numero (1), indica que foram coletadas informações de mais de um professor de sala de aula na referida instituição.

Antes disso, vale ressaltar que as escolas do Ensino Fundamental da rede municipal trabalham com Filosofia da 5^o a 8^o série e que a Escola Estadual trabalha no Ensino Médio, em turnos manha, tarde e noite. Desta maneira, sintetizamos e abreviamos as modalidades de ensino das Escolas Pesquisadas, para a seguir, apenas descrever seu número de alunos e sua localização geográfica.

Escola 1 – Situada na zona rural do município, possui ensino fundamental na parte da manhã e educação infantil na parte da tarde. Possui um total de 89 alunos, agregando de várias comunidades do zona rural do município. Colaboraram com a

pesquisa o Gestor e Coordenação pedagógica, dado que o pesquisador é o educador titular da disciplina de Filosofia na Escola. Então, tem-se como pesquisados:

C1 – Coordenadora Pedagógica da Escola a 3 meses, está iniciando nesta função, porém possui 22 anos de educadora na rede Municipal, com formação em Pedagogia, possibilidade de habilitação em Filosofia, e Pós Graduação em Pedagogia Gestora com base em Psicopedagogia.

D1– Com formação em Educação Física, possui 09 anos de atuação na rede municipal de Ensino, e há 04 meses exerce o Cargo de Diretor da Escola, com o desafio de exercer um escola voltada para os educandos da área rural.

Escola 2: A maior escola da Rede Municipal de Ensino, conta com ótima estrutura física, abrigando inclusive a estrutura do pólo da UAB no município de Constantina. Têm bons investimentos do poder público, conseqüentemente remete ótimos resultados nos quesitos avaliativos da educação. Com um total de 496 alunos, trabalha com ensino fundamental em turno da manhã e a tarde. Desta escola participaram da pesquisa:

D2 – Professora há 22 anos, com graduação em Pedagogia anos iniciais e Educação Infantil, possui Pós Graduação em Gestão Educacional, Mídias na educação e formação especial em “Mediadores da Leitura”. Há 02 (dois) anos é diretora desta escola.

C2 – A frente da Coordenação Pedagógica da escola a 02 anos, está na rede municipal de Ensino a 12 anos. Com graduação em Ciências Plenas: Habilitação Matemática – Ensino Fundamental e Médio e pós Graduação em Ciências – área de concentração em Matemática e Física, tenta trazer as experiências de outras escolas para a escola atual, visando um ensino de qualidade.

Escola 3: É a menor escola da rede municipal de Ensino. Não conta com coordenação pedagógica, e trabalha com algumas restrições de material humano e de infra-estrutura devido o numero reduzido de educandos, que no total somam 34. Colaborou com a pesquisa:

D3 – Formada em Pedagogia há 22 anos, com passagem por diversas escolas da rede Municipal de Ensino, está há 11 anos como Diretora desta escola,

buscando alternativas para manter seus educandos dado o contínuo êxodo rural da região e também o desejo dos pais de que seus filhos estudem na área urbana, com a ilusão de que estarão melhores preparados. Possui graduação em pedagogia.

P3 – Com formação em Geografia, possui 16 anos de atuação na Rede Estadual de Ensino, e 1 ano de Rede Municipal. Vindo para este município passou a exercer a função de educador de Filosofia para contribuir com a rede na falta de profissionais da área.

Escola 4, localizada em um dos bairros do Município de Constantina, é a segunda maior Escola da rede Municipal de Ensino, com um total de 268 alunos de todas as séries e modalidades. É uma escola com ótima estrutura, mas situada em um dos bairros com incidentes criminais e problemas de origem disciplinar com os alunos. Desta escola participaram da pesquisa. Sendo o pesquisador, educador titular de Filosofia nesta escola, participaram:

P4 – Professora, com pós graduação em Gestão Escolar, atuando há 10 anos na profissão, tanto na rede municipal como na rede estadual de educação. Foi convidada a responder por sua disponibilidade de tempo, e pelos trabalhos desenvolvidos junto a Coordenação Pedagógica da escola, visto que a própria coordenadora preferiu não responder, devido ao acúmulo de funções que desenvolvia no momento, já que a escola estava sem monitor e secretária.

D4 – Com 32 anos de profissão, diretora há 22 anos neste cargo, sendo os últimos dez anos como diretora desta escola em questão. Formada em pedagogia, tem longa experiência em trabalhos diferenciados, e é bem conceituada na escola, por conhecer a realidade do bairro onde a mesma se localiza, servindo de referência para informar aos educadores as condições sociais dos educandos que freqüentam a escola.

Escola 5: Escola de pequeno porte situada no interior do município, conta com 44 alunos, com uma educação voltada para o campo.

D5 – Com formação em Pedagogia, trabalha na área de educação há 27 anos, estando os últimos 04 anos a frente da Escola em questão. Possui pós Graduação de Interdisciplinaridade em Práticas pedagógicas, com ênfase na Produção de Textos.

P5 – Com formação em Geografia e pós Graduação em Ciências Sociais, está a 09 anos na rede municipal de Ensino, este ultimo exercendo também na área de Filosofia, dado a falta de educadores na área.

Escola 6: É a Escola Estadual localizada no município, trabalhando com ensino fundamental e médio conta com 632 alunos, reunindo-os de todas as comunidades do município. Chegou a ser uma das maiores escolas da região, mas, atualmente, com a ampliação das escolas dos municípios em derredor foi diminuindo o numero de alunos. No entanto, ficou com uma boa estrutura, e um bom números de educadores, mesmo assim é ajudada pela rede municipal de ensino, que lhe cede alguns educadores de áreas carentes e troca experiências com a rede municipal. Participantes da Pesquisa:

C6 – Com graduação em Ciências Biológicas, atua a 19 anos na rede Estadual de Ensino e a 02 anos esta na Coordenação Pedagógica desta escola. Possui Pós Graduação em Gestão e Manejo Ambiental na Agroindustria, o que auxilia em seu trabalho frente a uma escola que possui educandos, tanto da área urbana, como dá área rural.

P6.1 – Com formação em Filosofia e Direito é educador da Rede Estadual de Ensino a 11 anos, atuando constantemente na área de Filosofia. É pós Graduado em Metodologia de Ensino e Direito Processual Civil e do Trabalho. Atua nas duas áreas, tendo bons trabalhos voltados para a área de ética e moral.

P6.2 – Com 28 anos na rede Municipal de Ensino e a 09 anos na rede Estadual de Ensino, atua como educador de Filosofia para contribuir com a escola, mas já ocupou importantes cargos na rede municipal, sendo Diretor da extinta Escola Agrícola Municipal por algum tempo. Possui formação em história e pós Graduação em Sociologia da Religião.

Conforme mostrado acima, a pesquisa teve uma colaboração satisfatória, obtendo retorno da maioria das escolas. A seguir o texto trará uma análise relacionando a pesquisa com as temáticas levantadas nos objetivos específicos do trabalho.

3.2 A importância da Filosofia na rede pública de ensino de Constantina (RS)

Com o intuito de destacar, em aspectos práticos, a importância da Filosofia nas escolas, este item do Capítulo vai vislumbrar, através da pesquisa de campo, a importância que a Filosofia tem para os educadores do município de Constantina (RS). Objetiva compreender como a sua aplicação no Ensino Fundamental, após o seu retorno às escolas e em muitos lugares somente no Ensino Médio, consegue contribuir e ser bem visto pelos educadores do município base da pesquisa.

Conforme se destaca na pesquisa, a Filosofia retorna às escolas com certa “auto-estima”, sendo referenciada como uma disciplina capaz de dar novos horizontes à decadência ética e moral da sociedade moderna - como mencionado pelo pesquisado. C2 (2011): “[...] a Filosofia é uma disciplina inovadora que vem resgatar valores éticos e morais da sociedade”. Porém, é na descrição questionadora e reflexiva que ganha mais destaque dentre os pesquisados. O que parece, segundo as afirmações dos pesquisados, é que outras disciplinas não conseguiram enfatizar a formação humana, quanto seus aspectos práticos.

Essa “resgatar valores éticos e morais” diz respeito à (re) educar os educandos em sua necessidade de sociabilização, ao resgate de aspectos constitutivos da convivência humana, mas antes de tudo, da formação do caráter humano para que este educando possa fazer suas escolhas e fazê-las para o bem. Estas considerações estão de acordo com Silva (1977, p.30), para o qual: “Só podemos conformar a ideia de pessoa *humana* considerando o fato de que todo o homem tem a consciência do bem e do mal – porque é essa consciência que orienta a escolha e, portanto, determina o exercício da liberdade”.

O pesquisado D5 (2011), destaca que “o retorno da Filosofia permite possibilidades de intervir na sociedade”. Deste modo, sintetiza aspectos que se seguem no decorrer das análises, mostrando que a intervenção do mundo, está além do simples trabalho docente cotidiano, estando também nas reflexões e ideologias constituídas ao decorrer dos séculos, que fundamentam as ações que interferem no mundo, incluindo aqui, ações éticas e morais que regulam a preservação da vida e da história humana. A Filosofia então, chegando a este patamar educativo consegue tornar-se chave de reflexão sobre os elementos constitutivos do pensamento contemporâneo, incentivando os alunos para a

reflexão, como se refere o colaborador D3 (2011): “*para que eles (educandos)³ entendam de onde vieram os símbolos e conceitos que regem a sociedade [...]*”, e o mesmo educador vai além em sua análise, afirmando que através da Filosofia pode-se “*[...] romper com a dominação*”.

São categorias novas (símbolos e conceitos) que vêm à análise se referindo aos aspectos ideológicos. Quando se fala de “dominação” não há como deixar de lado aquilo a fundamenta, ou os aspectos que constituem o “*status quo*”. A dominação não se refere somente ao “macro” das relações, se faz também no cotidiano e é aí que ela ganha força para a manutenção das grandes estruturas. A sociedade reflete sobre aspectos maiores de dominação,

mas em grande parte nós ficamos condicionados à influência dos outros, inclusive pelo fato de termos que aceitar a própria linguagem e as definições das coisas que os outros nos deram [...], é aí que precisamos descobrir” (GUARESCHI, 2005, p.20).

Então, este romper com a dominação acontece no momento em que o educando é trazido para o diálogo, ou seja, no momento em que ele “*pode questionar e ser questionado*” (D1, 2011), pois como segue outro colaborador:

A Filosofia vem para desenvolver nos alunos futuros cidadãos atuantes, a reflexão do pensar, estimulando a apropriação de elementos que enriquecem o pensamento, desenvolvendo a capacidade crítica dos alunos, dos professores e da comunidade escolar, provocando a revisão de nossas ideias e posicionamentos frente à realidade [...] C1 (2011)

“A apropriação de elementos que enriquecem o pensamento”, é uma categorização interessante, que vem de encontro a uma análise feita por Paro (2010, p.156), na qual este autor, relacionando a atuação da escola quanto a gestão, afirma:

A educação se revela como fator de transformação social, também, em seu caráter intrínseco de apropriação do saber historicamente acumulado, na medida em que, através dela, a classe revolucionária se apodera da ciência, da tecnologia, da Filosofia, da arte, enfim, de todas as conquistas culturais realizadas pela humanidade em seu desenvolvimento histórico [...]. Esse saber apropriado [...] serve como elemento de sua afirmação e emancipação cultural na luta pela desarticulação do poder capitalista e pela organização de uma nova ordem social.

³ Grifo do pesquisador

No rumo destas afirmativas, se evidencia a capacidade da Filosofia em estabelecer, juntamente com a educação, ganhos em termos críticos para a formação da consciência dos educandos, os quais têm a possibilidade de questionar sua trajetória de vida e as bases que formam sua cultura de ação, e nesse questionar, adentra no processo sapiencial de evolução.

Esta ideia comunga com o comentário do colaborador P6.3 (2011), o qual menciona que o papel da Filosofia é “[...] *questionar e por em dúvidas a verdade*”, também do C6 (2011), que afirma como o papel do ensino da Filosofia instigar “[...] *a reflexão, o debate e a análise crítica de temas [...]*”, ou usando simples palavras, como D2 (2011), cabe a Filosofia ensinar a “*especular*”.

Visto que, como argumenta Paiva (2002, p.25):

O homem é tentado a considerar como verdadeiras as impressões que lhe dá a experiência cotidiana. Erige, na maioria das vezes, os sentidos como fiéis avalistas da verdade. Eles lhe proporcionam alguma segurança e não lhe ocorre por em duvida o mundo que já recebeu.

É neste sentido que a importância da Filosofia nas escolas destacar-se-á mais, quando do mesmo modo como os colaboradores mencionaram, a escola possa “despertar o homem do torpor de uma visão ingênua e pré-crítica diante do mundo é o grande desafio ao qual lança-se o filósofo” (PAIVA, 2002, p. 25), pondo em duvida dogmas e ideologias que impedem aos educandos a constituir uma existência por excelência.

Através do colaborador P3 (2011) chega-se a outro aspecto de suma importância na pesquisa. Para este colaborador, “[...] *o desenvolvimento do pensar do educando para melhorar a sociabilidade através da participação em atividades relacionadas com a comunidade em que ele está inserido*”, expressando com esta frase, dois aspectos abordados como preocupações da pesquisa: as práticas educativas e a sociabilidade. Como aborda Rockwell (1997, p.16):

Eis aí a importância de reconstruir o que ensina a escola, não a partir dos documentos que explicitam seu dever, mas sim, a partir do estudo de sua expressão concreta e cotidiana.

A importância da prática filosófica se fortalece ainda mais com o educador P6.2 (2011), o qual diz que o “*retorno foi extremamente necessário e um pouco tardio [...]*”, fazendo ressalva que as necessidades do trabalho ainda são precárias e, por este motivo, podem transformar o retorno da Filosofia em mais uma “[...] *gaveta*

no armário das disciplinas”. Retoma-se aqui a preocupação que já existe com outras disciplinas, as quais sofrem com pré-conceitos por serem ministradas em pouco tempo, dando a impressão de serem menos importantes.

O que se mostrou até este momento é que os colaboradores estabeleceram de forma coerente a importância da Filosofia na rede de Ensino, precavendo-se até mesmo de lembrar-se da necessidade desta disciplina ser trabalhada com seriedade, vindo de encontro com aquilo que o texto aponta pelas pesquisas bibliográficas nos primeiros capítulos.

Demonstrou-se também, como já mencionado no segundo capítulo, que a Filosofia estabelece-se na formação humana dos educandos, o que faz refletir que de fato,

O ensino da Filosofia tem por finalidade desenvolver a habilidade de pensar do estudante, como sujeito autônomo, como cidadão consciente de sua inserção no mundo. Daí a necessidade de se delinear a especificidade do que e do como se ensina Filosofia, levando-se em conta os diferentes níveis e modalidades em que se insere. (SEVERINO, *apud* HORN 2009, p. 12)

Essas reflexões serão aprofundadas no decorrer deste trabalho, dando sequência aos objetivos almejados no primeiro capítulo, onde tratar-se-á das alternativas à aplicabilidade da Filosofia, revendo juntamente com a ideia do texto aquilo que os educadores propõem.

3.3 A (re) introdução da Filosofia nas Escolas do município de Constantina (RS)

Neste espaço serão analisadas as colaborações a respeito da importância da Filosofia no Ensino Fundamental, dado seu retorno. Não se remete a questão do retorno, mas sim, a questão da atuação da disciplina em escolas do município, principalmente por se tratar do ministrar da Filosofia no Ensino Fundamental, diferentemente da maioria dos outros municípios, onde a Filosofia é credenciada somente ao Ensino Médio.

Segundo C2 (2011), esse gesto é importante para que “*os educandos adquiram o gosto pela disciplina*”. D3 (2011) acredita que a “*normatização*” desta disciplina nas escolas contribui para sua aceitação e assimilação, remetendo a reflexão sobre a necessidade de algo ser obrigatório para que venha a acontecer.

Essas afirmações demonstram que, mesmo sendo de grande valia à formação humana e cidadã no processo de socialização das crianças, como alerta Freire (1996, p. 99), “as forças dominantes estimulam e materializam avanços técnicos compreendidos e, tanto quanto possível, de forma neutra”, ou seja, as facetas positivistas que englobam a sociedade diminuem sua perspectiva de raciocínio, dessa maneira a normatização consegue fazer com que a aplicabilidade da disciplina seja levada a sério com mais afinco pelos educandos.

Ao que parece, a aceitação já ocorreu de tamanha forma que o colaborador D1 (2011) menciona a necessidade de permanência da Filosofia nas escolas. Opção esta reforçada pela afirmação de P6.2 (2011), que diz ser valiosa a presença da Filosofia, pois esta dá “*uma postura crítica frente aos fatos*”, algo que serve tanto para educandos, como para educadores. Como confirma P4 (2011), este diz que a Filosofia contribui porque é através dela que “*organizamos desde o processo inicial o conhecimento, à necessidade do coletivo*”, remetendo-se também a organização da gestão escolar sendo, da mesma forma que a etapa escolar em que se encontra, “*fundamental*”, como escreve D4 (2011).

Reconhece-se então a capacidade da formação humana desta disciplina, em seus aspectos que remetem a reflexão sobre a práxis histórica e ao conhecimento necessário para a formação social e a evolução da humanidade. Segundo as palavras de Horn (2009, p. 40) “desde sua gênese a Filosofia não se dissociou de sua função e origem política, social, cultural, enquanto produção conceitual rigorosa, radical e de conjunto que visa a explicitar a condição humana-no-mundo”.

O colaborador P5 (2011) remeteu-se a expor que a Filosofia no município “*contribui de modo significativo*” para a “*construção da cidadania*”, o que vem de encontro às análises desenvolvidas ao longo deste trabalho, e fortalecem-se pela expressão de P3 (2011), o qual relata que a Filosofia nas escolas do município proporciona “[...] *um envolvimento maior do educando com temas que estão diretamente ligados a vida individual e comunitária*”, bem como com o comentário de C1 (2011):

É o momento em que os educandos [...] estão em plena formação do caráter e das ideias [...], e penso que a Filosofia vem a ajudar desenvolver atitudes de investigação [...] com senso crítico, sem aceitar como óbvios os fatos da realidade, podendo assim fazer parte da transformação pessoal e social, começando nas escolas através de debates sobre os temas estudados.

Eis uma reflexão de suma importância, que se categoriza pelas atitudes de investigação, demonstrando que a investigação é essencial para a superação da alienação pessoal, e que, somente através desta superação os educandos conseguirão ter a capacidade de pensar em transformação social. Mostra-se então, um aspecto constitutivo da Filosofia nas escolas: “assumir a missão de incitar o jovem a ressignificação de sua experiência existencial” (HORN, 2009, p.42).

Pelo que se percebeu, não somente os educandos se vêem envolvidos pela disciplina, mas também os educadores vêem na disciplina uma possibilidade de busca e descoberta: “Os professores querem entrar com sua turma na procura de novas descobertas, motivarem os alunos [...]. Estimulá-los a gostar da meditação” (D2, 2011).

Dentre os colaboradores percebeu-se certa diferença entre as informações escolas da Rede Municipal e a Escola da Rede Estadual. Nas primeiras, o ensino de Filosofia é ministrado em dois períodos semanais, enquanto que na escola estadual, ela é ministrada em apenas um período semanal, o que fez com que, tanto coordenação pedagógica, como o educador graduado em Filosofia fizessem algumas ressalvas.

A coordenadora pedagógica, C6 (2011), reconheceu que a disciplina chegou a Escola com certa expectativa, mas aos poucos, o pequeno espaço para trabalhar a disciplina “*frustra*” os educadores quanto à possibilidade de fazer discussões mais avançadas, e até mesmo trabalhos diferenciados. O pesquisado P6.2 (2011), fez a seguinte intervenção:

A carga horária destinada à disciplina e a sua fragmentação (1 período em cada série), é um verdadeiro “faz de conta”, vez que o ser humano em nossa sociedade é levado a não filosofar durante 167 horas semanais e no único período semanal de Filosofia o aluno o que menos quer é filosofar\pensar\refletir\ para além do pensamento superficial do cotidiano.

A partir desta afirmação pode-se caracterizar que a (re) introdução da Filosofia, embora reconhecida, do ponto de vista gestor, por todos os educadores, carece de alguma atenção maior nas diretrizes. Se houver mais tempo disponível aos educadores para desenvolver a disciplina, melhor será o aproveitamento da mesma na formação dos educandos.

Satisfatoriamente percebe-se que a Filosofia tem excelente aceitação nas escolas, e carrega um aspecto fundamental da formação cidadã segundo a compreensão de professores de sala de aula, coordenadores pedagógicos e diretores. Embora alguns não possuíssem acesso à disciplina de forma constante até o momento da implantação da mesma, agora já conseguem compreender sua importância e projetar modos de utilizá-la, aproveitando as reflexões que a mesma inspira, para complementar a formação de sociabilização que é típica da escola.

Quando se analisa essa visão da Filosofia nas escolas, relacionando com as citações dos colaboradores, entende-se, como nas palavras de Horn (2009, p.44) que:

Não existe uma Filosofia pura, uma reflexão descomprometida, absoluta por si mesma, alijada da existência, divorciada das significações do cotidiano humano. Não existe Filosofia sem intencionalidade, portanto, sem esta intencionalidade ela se tornaria uma espécie de reflexão sem vida, sem dinâmica.

A Filosofia, ao entrar no âmbito escolar já faz deste espaço seu alimento para a reflexão, é esse o dinamismo que a faz interdisciplinar. Suas contribuições na escola vão além dos limites da sala de aula porque consegue fazer com que, não somente os educandos reflitam, mas também, encaminha todos os profissionais como gestores a refletirem sobre as ações do processo educativo. Por mais simples que seja o diálogo com os temas filosóficos, não há como não levar educandos e educadores a refletir, pelo menos por um momento sobre aquilo que os cerca, alavancando uma compreensão, nos educandos sobre sua existência de um modo geral, e nos profissionais como gestores, além de sua existência, sobre o espaço escolar e o ato educativo.

3.4 A Filosofia na Gestão Escolar: suscitando alternativas

Neste item do trabalho organizar-se-á o estudo sobre a relação da Filosofia com a Gestão Escolar, tema central da pesquisa. Para tanto, serão analisadas as referidas temáticas.

Em se tratando de gestão, há algumas diferenças no modo de compreender este espaço. O que se pode perceber é que, diretores e coordenadores pedagógicos, sentem-se mais responsáveis pelo processo, como demonstra C6

(2011), a qual menciona sobre o entendimento da gestão e sua atuação no contexto: “[...] *entendo gerir, administrar a escola de forma participativa, com diálogo constante, primando pela qualidade do ensino e pela aprendizagem dos alunos*”, diferente, por exemplo, de P6.1 (2011), que, como professor de sala de aula, percebe a gestão como “[...] *todo o contexto de vida escolar, desde a administração econômica, financeira e educacional, até o dia-a-dia da atuação em sala de aula e em todos os setores que compreendem a escola. A gestão escolar é a dinâmica da escola*”.

Analisando os dois depoimentos é possível compreender que para professores que atuam em sala de aula a escola parece mais dinâmica, enquanto que para os diretores e coordenadores, a gestão parece ser algo bem mais fechado, com responsabilidades maiores. Mesmo almejando uma Gestão totalmente participativa, sabe-se que as decisões finais sobre os assuntos, bem como, as decisões cotidianas e urgentes, sempre tendem para a equipe gestora, ou seja, para os diretores e coordenadores pedagógicos, de acordo com as atribuições de suas funções.

Há também alguns aspectos conservadores dentro das escolas, que não condizem com a maioria, mas que não podem ser desprezados, visto que este trabalho analisa lideranças educacionais, na perspectiva da formação de cidadãos democráticos, participativos e abertos.

Não são casos extremos, mas percebe-se em P6.2 (2011), quando a mesma menciona a Gestão como “*forma de administrar e conduzir o corpo de profissionais e estudantes, e também a parte física e econômica*”, que ainda há um aspecto de “*administração*” na gestão, dentro da cultura escolar de alguns gestores. Outro pesquisado D5 (2011), pensa que gestar é “*coordenar os trabalhos*”, enfatizando também um aspecto administrativo.

É uma relação que não se pode desprezar, mas ao mesmo tempo não precisa ser crucificada, até porque, como menciona Gadotti (2003, p.21)

Um velho professor está realmente desaparecendo e espero que nesse velho professor esteja nascendo um novo professor. Não é a profissão que está morrendo. É uma profissão que está renascendo. O professor não está morrendo, sua função não está desaparecendo, mas ela está se transformando profundamente, adquirindo uma nova identidade. E isso não é nada novo, pois cada geração de professores constitui sua própria identidade docente no contexto em que vive.

Assim sendo, não podemos esperar que todos os educadores visem uma transformação imediata. A história da cultura demonstra que ela somente aos poucos vai se construindo e modificado, e os indivíduos, também aos poucos vão se adaptando e se transformando. “A cultura é, portanto, um processo de autoliberação progressiva do homem, o que o caracteriza como um ser de mutação, um ser de projeto, que se faz a medida que transcende a sua própria experiência.” (ARANHA; MARTINS, 1986, p.07)

Entretanto, para a maioria dos colaboradores, a gestão é percebida como um aspecto prático, a ampliar-se e potencializar-se na escola. Esta constatação está em acordo com o comentário da colaboradora D4 (2011) para a qual a Gestão “*compreende o todo da Escola*”. Muito parecido com a colaboração de D1 (2011): “*Gestão Escolar são todos na escola*”, com as palavras de P4 (2011) “*a gestão escolar é um processo de participação de fato onde os diferentes segmentos que compõem a comunidade escolar têm espaço*”, e com o que menciona a pesquisa de C1 (2011): “*A gestão Escolar é uma organização de todos os membros da escola [...]*”. Somente por encarar o “todo” como um espaço democrático e participativo já se abrem então as portas a potencialização. Onde há a diversificação, as probabilidades de encontrar alternativas é maior, da mesma forma, as atitudes tomadas pelo “todo” demonstram-se mais coerentes, por já trazer consigo as necessidades de uma porção maior da comunidade escolar.

Em termos gerais, a Gestão demonstra-se como algo que está quebrando barreiras, colocando diretores, professores, pais e funcionários em um mesmo patamar de discussão e decisão, tanto que as afirmações da pesquisa aludem para a participação e a democracia, como se pode visualizar em C2 (2011):

A Gestão Escolar põe em prática os reais objetivos da democracia, pois permite a participação de todos os membros envolvidos com a educação [...] os quais tem importante função de detectar dificuldades, analisar realidade local e apontar possíveis soluções.

Esse recorte vai de encontro à grande busca dos processos educativos progressistas, que é a democratização das decisões e dá uma excelente perspectiva de trabalho. Afinal, como diz Lück (2011, p. 1).

[...] a participação dá às pessoas a oportunidade de controlar o próprio trabalho, sentirem-se autoras e responsáveis pelos seus resultados,

construindo, portanto, sua autonomia. Ao mesmo tempo, sentem-se parte orgânica da realidade e não apenas um simples instrumento para realizar objetivos institucionais. Mediante a prática participativa, é possível superar o exercício do poder individual e de referência e promover a construção do poder da competência, centrado na unidade social escolar como um todo.

Também em C6 (2011) podemos observar a tendência democrática que se estabelece no entendimento dos colaboradores. “*Entendo gerir, administrar a escola de forma participativa, com dialogo constante, primado pela qualidade do ensino e pela aprendizagem dos alunos*”. É um aspecto a ser trabalhado, que de alguma forma, direciona-se para a mesma perspectiva de D3 (2011), que pensa ser o processo de gestão algo que traga “*coletivamente um projeto pedagógico de trabalho*” que tenha em si “*a potência da transformação*”.

Se faz importante parar neste depoimento com mais interesse. Aproveitando o embalo de Freire, Gadotti e outros autores progressistas, podemos dizer que essa é uma contribuição de tamanha ‘boniteza’. É o que Lück (2011) aborda como “compromisso”, e é, dentro deste trabalho, o que podemos ser a ponte para a relação entre Gestão e Filosofia. Quando no segundo capítulo demonstrava-se os aspectos constitutivos dos objetivos comuns entre Filosofia e Gestão, pode-se dizer que eles se focalizariam na seguinte consideração de Lück, indo de encontro com a colaboração que acabamos de ver:

O compromisso se traduz na ação dos envolvidos no processo pedagógico, focada e identificada com objetivos, valores, princípios e estratégias de desenvolvimento. Pressupõe o entendimento pleno dessas questões e o empenho pela sua realização, traduzida em melhor aprendizagem pelos alunos. (LÜCK 2011, p. 4-5)

É com essa mesma colaboradora, utilizando sua menção sobre a potência de transformação que iniciamos a análise relação da Filosofia com a Gestão nas escolas. D3 (2011) afirma que “*é importante ressaltar que a escola que busca qualidade precisa desenvolver o ser social em todas as suas dimensões [...]*”. Assim, a Filosofia contribui como aspecto constitutivo de uma dimensão capaz de refletir sobre a comunidade local, e sobre as possibilidades de atingir “*mediantes práticas concretas*” P5 (2011), analisando “*as diferentes situações e tomar decisões pensando no coletivo*” C6 (2011), ou permitindo questionar “*saberes já existentes e relacioná-los com a realidade, para à partir daí formular novas teorias, novos conhecimentos de acordo com as novas exigências*” (C2, 2011). Mesma ideia da pesquisada P4 (2011), que também afirma ver a Filosofia como disciplina que abre

espaços para o “questionamento”, abrindo assim mais espaços a participação, e instigando o “ouvir e o falar” dos gestores, ou como comenta o pesquisado P6.2 (2011), “a Filosofia pode ser usada para interpretar as necessidades e desejos da comunidade escolar”. Este “ouvir e o falar” remete-se a expressar que, mesmo sendo o educador o mediador do conhecimento, é indispensável que ele se abra e faça o diálogo entre seu saber técnico e o senso comum que, em muitos momentos, garante a sobrevivência daquele ambiente onde a escola está inserido. Assim, poderá se encontrar a Filosofia,

Levando ao corpo docente da escola a reflexão sobre o cotidiano escolar, sobre o atual papel do gestor [...] buscando alternativas para desempenhar o papel de agente transformador [...] desenvolvendo a iniciativa e a participação de todos (C1, 2011).

O pesquisado P3 (2011) levanta uma questão interessante. Diz este que, se houver um bom planejamento “entre professores e colegas de trabalho de forma interdisciplinar” a Filosofia pode, juntamente com a Gestão Escolar “transformar a maneira de trabalho e construção de conhecimento”. Isso significa um grande avanço, e se constitui como um pensamento fortalecido pelo pesquisado P6.1 (2011), quando este menciona que a relação entre Filosofia e Gestão é “direta, quanto mais a Filosofia se faz presente mais adequada à gestão escolar”.

Ora, até parece o texto encontrar aqui as palavras de Kant, quando este menciona:

Pois a filosofia é a ideia de uma perfeita sabedoria que nos mostra finalidades últimas da razão humana. Da filosofia, segundo o conceito escolar, fazem parte duas coisas: primeiramente, uma reserva suficiente de conceitos racionais e, ademais, uma conexão sistemática destes conhecimentos ou uma vinculação das mesmas na ideia da totalidade. (KANT, apud ANZENBACHER, 2009, p.31)

Desta maneira, a Filosofia consegue brindar interdisciplinariamente com a construção de conhecimento que leve em conta a totalidade da comunidade escolar, visualizando uma escola mais participativa, e conseqüentemente mais completa, mais capacitada para dar educar, sendo mais atrativa e prática.

Esse pensamento abre espaço para uma série de possibilidades, da mesma maneira que coloca a pesquisada D4 (2011), a qual vislumbra na relação atividades

práticas como: *“elaboração de projetos, pesquisas sugerindo ações, no dialogo sempre tentando melhorar aspectos na educação”*.

Dessa forma, a pesquisa já dá uma boa perspectiva das diversas facetas que podem ocorrer na relação entre Filosofia e Gestão Escolar. Não é uma relação impossível, pelo contrário, é uma relação que pode ser enriquecedora para ambas as partes, a modo de construírem-se, encontrando seu papel, seja no momento de conhecer e estabelecer a democracia, seja no momento da formação humana nos mais variados aspectos sociais, sempre com a direção voltada para a consciência da realidade local e da potencialização da educação de qualidade.

3.4.1 Alternativas a aplicabilidade da Filosofia

Na busca por atingir os objetivos, a pesquisa também buscou contemplar possíveis alternativas para a aplicabilidade da Filosofia, voltando-se para a educação humana.

Os participantes buscaram expressar certa compreensão da Filosofia em sua essência e por isso, sua necessidade. Para D3 (2011), *“desde as mais longínquas eras o ser humano sempre teve desejo e amor pelo saber”*, ou seja, está inerente no homem este desejo por aperfeiçoar-se. A observação historicista da autora vai de encontro com o que menciona Parisi e Cotrim (1982, p. 09): *“O ser humano independente de sua origem e grau de cultura, sempre procurou conquistar a sabedoria das coisas”*. Talvez esteja na Filosofia, caminho significativo para começar a repensar o espaço de formação humana na escola, *“[...] superando o caráter fragmentário da cultura e do ensino escolar, mediante a interdisciplinaridade, a criatividade”*, nem que isso seja um tanto *“utópico”* como menciona C6 (2011).

Aliás, utopia é um bom tema a ser debatido novamente nas escolas. Mesmo sendo uma palavra contestada por muitos, por representar sonhos praticamente impossíveis, são esses sonhos que servem de parâmetro e combustível para se possa buscar algo melhor. Se algo novo e melhor não for almejado, é sinal que da maneira como está é aceitável, o que não reflete a situação de nossa educação

É sim desafiador pensar o espaço da Filosofia. Sabe-se que ela faz parte da *“evolução humana, permite o estudo e a reflexão dos fatos possibilitando uma nova releitura dos acontecimentos passados e atuais”* segundo C2 (2011), permitindo

“retomar a capacidade de discussão de forma coerente” como garante P4 (2011). Por esse caminho segue D5, que a respeito das relações da Filosofia com a Gestão, comenta: “*analisando a realidade diante de novas organizações (globalização)*”. No entanto, os gestores alertam para que ela seja envolvida aos poucos. Conforme D1 (2011), a Filosofia deve trabalhar a formação humana “*conforme o tamanho, ou necessidade do educando, com ideias que possam ser conquistadas*”, até porque, por enquanto, ela ainda “*cumprir apenas uma modalidade curricular, como uma disciplina que não é valorizada*” como alerta P6.2 (2011). Precisa ainda assim reconquistar seu espaço, sem abrir mão de seu valor e funcionalidade, pois ainda precisamos de uma “*educação para a sustentabilidade que reafirme os valores da ética global*” (D2, 2011).

Como podemos perceber no parágrafo acima, é preciso frear as inspirações excessivas e, colocando os pés no chão, entender que antes de qualquer processo para que a escola defina as aplicabilidades da Filosofia, segundo o que reforçam os colaboradores, precisa-se definir o que se quer educar, para saber que tipo de indivíduo quer construir. São cuidados básicos *a priori* analisar, definir metas, rever situações. Lembrete pertinente segundo Aranha; Martins (1998, p. 32):

É preciso explicitar com cuidado a antropologia filosófica que se acha subjacente à política, à pedagogia, à moral. O êxito de uma prática pedagógica, por exemplo, depende em grande parte da definição do tipo de ser humano que se quer educar

Toda essa reflexão pode “*contribuir para a formação de um cidadão crítico, autônomo, consciente e transformador de realidades*”, como menciona P5 (2011), e vai ser fortalecido por P3 (2011), que compreende ser a Filosofia capaz de fazer este processo com “*práticas educativas de forma democrática proporcionando a participação com princípios éticos visando uma melhor convivência da escola*”.

É mister reconhecer que ainda precisam acontecer alguns fatos para os ajustes totais da Filosofia em seu retorno da escola, com o intuito de abrir suas possibilidades de “contribuição”: tempo de trabalho da disciplina mais adequado, instituição da Filosofia em todas as escolas desde o início da escolarização— “*a formação humana deveria ser aplicada nos anos iniciais*” D4 (2011) -, tempo para pensá-la de forma interdisciplinar, enfim, são aspectos pontuais, como reforça P6.1 (2011) em seu texto, “[...] *para isso a Filosofia precisa de um espaço mais oxigenado*

e dinâmico, é preciso que não seja apenas uma disciplina isolada das demais, como na prática todos são”.

Não se pode esquecer que, visualizando as contribuições, mesmo tendo em torno da Filosofia uma consciência a respeito de sua inserção na escola, tem-se grandes dificuldades quanto a legitimação de seu espaço. Por isso, neste espaço se faz de suma importância abordar uma análise feita por Horn (2009, p.38), quando a realidade enfrentada pela Filosofia logo após seu retorno as escolas em 2008. Ele menciona:

Na verdade, a legitimação do ensino da Filosofia, que desemboca na consciência da necessidade da presença desta disciplina nos currículos escolares, alimenta-se da obrigatoriedade desse componente curricular, garantindo as exigências de recursos didáticos, carga horária apropriada e profissionais habilitados e capacitados. Em contrapartida, a viabilização legal e as condições materiais criadas para o ensino da Filosofia são frutos nas apenas da lutas políticas e mobilizações destacadas nos manifestos, cartas, declarações nacionais e internacionais reivindicando a presença da Filosofia nos currículos, mas também, em grande parte, do trabalho realizado nas escolas por educadores [...] preocupados e engajados na difícil tarefa de pretender ofertar um ensino emancipador, crítico e reflexivo.

Então, não basta somente sonhar com bons resultados. Não é possível se enganar quanto ao trânsito da disciplina em torno das escolas, fundamentando princípios críticos nem sempre aceitos com bons olhos pelo mercado neoliberal que necessita de mão de obra barata e consumidores não muito racionais. É necessário agir, demonstrar que a Filosofia pode ser diferenciadora de processos educativos socializadores.

Nesta perspectiva, de que os todos os profissionais da escola como gestores coloquem-se engajados na tarefa de emancipar, há um princípio na Filosofia, que outrora foi muito bem lembrado por C1(2011): *“Na minha visão, o papel da Filosofia [...], é fazer a ligação entre o pensamento e o agir”* abrindo um grande espaço para o *“processo de transformação e a inclusão social”*. Então, a práxis surge como alternativa concreta quanto ao educar a Filosofia, levando as reflexões a respeito da educação e de sua necessidade sobre as ações cotidianas de cada educando, potencializando possibilidades de transformação social.

A centralidade do saber Filosófico no ministério educativo decorre de sua disposição para instigar e conduzir a consciência a procurar a percepção acurada da existência, edificando criticamente seu significado, ou seja, resignificando a experiência do ser a partir da própria existência, como consciência da existência. Esse processo reflexivo do modo de ser próprio

do homem na sua concretude entrelaça dialeticamente subjetividade e experiência em uma práxis que amplia incessantemente a compreensão da realidade, bem como as possibilidades de reconstrução da consciência e da própria realidade. C1(2011)

Aos poucos é possível afirmar que se abre uma nova perspectiva na educação: a práxis. Não somente práxis simbólica, mas sim, uma práxis na qual diretores, coordenadores, professores de sala de aula através de uma perspectiva gestora vão percebendo que a educação não pode acontecer somente em razão de imposições didáticas. Já é passada à hora de entender que os educandos chegam à sala de aula como “tabula rasa”. A educação do novo século esta cada vez mais desafiadora.

Há necessidade urgente de compreender a aceleração do mundo e, não menos, a aceleração na maneira de aprender dos educandos. É mister perceber que muitos alunos já possuem acesso constante com textos, e até mesmo a materiais didáticos mais chamativos que aqueles que temos nas escolas. Eles têm tempo disponível e as ferramentas para isso, eles querem então algo a mais. O que seria este algo a mais? Talvez este algo a mais seja justamente a terceira etapa dialética: a ação. O conhecimento se faz por três momentos, ação-reflexão-ação, em um ciclo infinito que constrói a história da humanidade, no entanto, em muitos casos a educação parece querer parar na reflexão, caminhando contra o espaço de transformação do mundo.

É importante compreender que a ação é uma forma de dar aos educandos a visualização de possibilidades de ação e transformação. Na ação, ou seja, na prática educativa, está uma alternativa de selecionar as diversas teorias que se oferecem a todo o momento. Diversas são, sim, pois diversas são as maneiras de expressão social do mundo globalizado, no qual todos habitam. Nem todas coerentes, mas muitas se apresentam como alternativas de construção do intelecto dos indivíduos fora e dentro das salas de aula.

A prática educativa é o espaço que tem o poder de demonstrar quais são as formas mais assertivas, dando aos educandos possibilidades de escolha e de compreensão no processo de sociabilização em que se encontram. As práticas são espelhos para a percepção da possibilidade de transformação de educandos em cidadãos, obtendo e requerendo seu espaço futuro na participação social nas decisões políticas, sociais e econômicas do ambiente em que estão inseridos, interferindo no mundo e construindo história.

Se este é o caminho que se ergue, então deve ser também caminho para dotar-se de encontro entre a Filosofia e Gestão Escolar. Primeiramente quebrando paradigmas piramidais tanto entre as disciplinas, como na forma de conduzir a gestão das escolas. A Filosofia pode estar presente na construção do Plano Político Pedagógico, e nele, inserir práticas educativas envolventes, voltados à realidade local de cada escola, visando à transformação social do espaço dos educandos.

Novamente chama-se a atenção para o entendimento de que não se quer fazer da Filosofia uma disciplina superior as outras, assim estaria se criando uma nova etapa piramidal na escola, o que não se quer deixar subentendido aqui de forma alguma, apenas expressa-se para a Filosofia, pois é desta relação (Gestão X Filosofia) de que se trata esta pesquisa.

Educadores podem ver na Filosofia uma aliada para, refletindo sobre as realidades de cada educando, e compreendendo seus espaços sociais, quebrar os dogmas trazidos para dentro da escola, gerando possibilidade de fazer uma escola mais eficaz e participativa, ou, ao contrário, mais participativa e assim eficaz.

Dentro desses espaços construtivos pode ser citado, por exemplo, projetos de ordem política - como indicações a câmara de vereadores - trabalhando projetos voltados para a realidade e necessidade local, de modo a fazer-se refletir, tanto sobre a atuação da escola na comunidade, como da potencialidade de interferência dos educandos (desde muito cedo), dentro da realidade que os cerca.

Outro aspecto são as interferências de ordem ecológica, juntando a Filosofia de modo interdisciplinar a outras disciplinas para buscar visualizar e melhorar a estética local, frequentando locais de circulação dos educandos e orientando, junto com estes, os indivíduos sobre a necessidade do cuidado com o lixo e derivados poluentes e demais problemas sociais desta ordem.

As comissões disciplinares da escola são também bons espaços para a utilização da Filosofia. Não somente na relação com os educandos, mas almejando a presença e a reflexão juntamente com os pais sobre a necessidade e a importância, não somente da educação, mas também, do respeito com aquele que representa esta dívida social, que são os educadores. Refletindo sobre aspectos éticos e morais de necessidade de socialização, tanto para a escola, como para a importância da família e a relação desta com os educandos.

A Filosofia é também possibilidade de parceria em demais projetos, de qualquer ordem, aproveitando formação crítica do educador de Filosofia, com seus aspectos de rigorosidade metódica e criticidade pertinente. Contribuindo na revelação de aspectos falhos e ganhos possíveis através de lacunas deixadas pelos gestores, fazendo destas “imperfeições” geração de melhorias e mudanças cabíveis a excelência educacional exigida.

Ademais, a Filosofia é de toda prática, pois sua teoria somente se fundamenta quando, servindo-se dos problemas existentes, pode ser luz para a prática, transformando-se assim em excelente suporte para todos os espaços. A Filosofia, longe de ser a “disciplina do Jornal Mundo Jovem”, brota dos problemas práticos, reflete-os, e tende a devolver os mesmos em forma de potencialidade para a transformação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, é de suma importância constatar os ganhos que ele obteve. Não somente em termos bibliográficos, mas também, em termos voltados à prática, ao modo de atingir seus objetivos principais, e porque não dizer, ir até mesmo além, surpreendendo as expectativas iniciais, mesmo com a dificuldade de encontrar material de pesquisa voltado especificamente ao tema abordado. Em termos bibliográficos poucos foram os artigos encontrados dentro do tema específico.

Talvez o êxito alcançado se deve ao cunho diferenciado desta pesquisa: a procura por aprofundar a temática da Filosofia na sua atuação juntamente a Gestão Escolar, expandindo seus aspectos de atuação de forma responsável e satisfatória. Não a compreendendo, a que se ressaltar, a Filosofia como a disciplina primeira ou mais valiosa, mas sim, como uma disciplina que está aberta à dialogar com as demais disciplinas, e também, com a Gestão das escolas.

Essa aproximação permite que a Filosofia se integre à comunidade escolar, possibilitando por sua via, a compreensão da educação como um processo de suma importância para resgatar a formação ética e moral como forma de incluir uma sociabilização necessária a evolução e manutenção da espécie humana, buscando resgatar nos educandos um processo de *cuidado*, com a vida e com os outros, e fazendo deste *cuidado* um fundamento necessário para um diálogo emancipatório, formador de consciência.

Necessário, por ser o *cuidado* um aspecto prático de respeito e convivência - princípios fundamentais para constituir o diálogo almejado pela educação emancipatória-, que traz em si a partilha da consciência crítica mediada e construída pela troca de experiências, pela dialética visível que busca estabelecer um pensar “científico”, no que se refere à epistemologia de um conjunto de saberes que reflete sobre a prática visando à superação desta.

O que se quer mencionar através desta pesquisa é que à educação não cabe somente inserir os indivíduos na sociedade, através de um processo de transmissão

cultural, no qual o educando é ensinado, ou formado. Deseja-se da educação que ela seja realmente *educere*, formação capaz de levar os indivíduos a autocrítica, ao “conhece-te a ti mesmo” socrático, e a aspectos que possam ajudá-lo a contribuir com sua participação efetiva no processo de transformação social, que se faz antes de tudo, pela transformação da consciência de cada um.

Transformação não somente sobre aspectos ideológicos (embora seja de extrema importância conhecer e transformar também estes), mas sim sobre aspectos sociais da natureza humana, que transformam-se de geração em geração, evoluindo o ser humano e confirmando o caráter de ser *homo sapiens sapiens*, ou, aquele que sabe que sabe.

Por tudo isso, a Filosofia - como disciplina que traz em seu nome o “amor pelo saber” -, volta à educação com a esperança de poder contribuir com a evolução da escola que busca estes aspectos evolutivos pela formação humana, tendo possibilidades de se fazer presente de várias maneiras, desde que, é claro, encontre espaços nas escolas para desenvolver seu trabalho.

E para que tenha abertura para seu trabalho, a Filosofia precisa contar com aspectos administrativos democráticos, praticados por processos de gestão abertos e participativos, que se compreendam pela práxis escolar construídos pela escola cotidiana e, ao mesmo tempo, (re) construtores da escola cotidiana.

Parece fetiche mencionar a palavra “reconstrução” mas, quando se trata de formação humana não se pode esquecer de que se está falando de indivíduos que já vem a escola com um pré-saber, um senso comum, que embora seja “comum” aos olhares mais distantes, significam à estes indivíduos uma segurança *a priori* que somente vai ser substituída caso consiga visualizar alternativas capazes de lhe darem melhores condições de vida.

Dada esta compreensão, a gestão escolar que se espera precisa ir além do simples administrar a escola, para que juntamente com toda a comunidade escolar (entendendo este “todo” como um conjunto participante assíduo de pais, educadores, coordenadores, líderes comunitários e demais lideranças representantes), compreenda as “piscadelas”, ou, os olhares significativos daqueles a quem se quer educar, podendo assim melhorar as ações capazes de pensar a transformação desses indivíduos.

Assim, a Filosofia pode servir, além de seus aspectos práticos de sala de aula, como de contribuir com a reflexão e formação de sínteses e conceituações a cerca do mundo que os cerca, pode contribuir também para que a gestão da escola possa refletir sobre seu espaço e sua atuação, almejando potencializar este instrumento tão importante que é a gestão.

Neste contexto, pode-se dizer que a pesquisa foi de extrema valia, não somente por conseguir fazer os educadores de Filosofia contribuir para a discussão, mas também, porque se percebeu no decorrer do desenrolar da pesquisa, conforme os questionários retornaram, que a pesquisa provocou um momento de reflexão entre os diretores, coordenadores pedagógicos e professores de sala de aula, compreendidos aqui como gestores. Várias foram as manifestações de que estes gestores sentaram juntos para dialogar sobre o tema proposto, outros foram rever o significado da Filosofia, ou rever as atividades desenvolvidas pela filosofia em suas escolas, buscando perceber os ganhos dessas ações e através destas vislumbrar então novas possibilidades.

Indo ao encontro dos objetivos propostos percebeu-se que as escolas aprovam a disciplina, veem esta como importante para a formação dos educandos na sua constituição de futuros cidadãos, e conseguem visualizar sua atuação também fora das salas de aula. Valorizam por isso, seu retorno as escolas e requerem mais espaço para a disciplina, reconhecendo ser pequeno o espaço disponibilizado no currículo escolar para os aspectos formativos dos educandos.

Dada a percepção de sua importância, os colaboradores demonstraram grande relação entre Filosofia e Gestão Escolar, conseguindo até mesmo suscitar alternativas para este entrelaçamento, confirmando que há possibilidades e que essa integração engrandecer a prática educativa.

Na apresentação deste trabalho esta a utopia de que um mundo melhor começa a ser construído a partir do momento em que os indivíduos são capazes de acreditar em sua capacidade de transformação, entendendo o seu espaço e percebendo onde suas potencialidades se encaixam. É nesta perspectiva o trabalho veio a suscitar alternativas e encaixes da Filosofia na escola, na perspectiva de ser útil no espaço escolar.

Pode-se dizer agora, que este objetivo foi perseguido, e dentro das possibilidades e limitações, concluído. Mesmo sendo desafiante para todos os

educadores da disciplina no município, esta pesquisa capacita-se a dar uma nova visão das potencialidades da Filosofia nas escolas. Tanto diretores, como coordenadores pedagógicos e professores passam a ver com outros olhos as práticas filosóficas desenvolvidas, e quem sabe, vejam essas mesmas possibilidades de discussão e planejamento para as demais disciplinas, fortalecendo a interdisciplinaridade e a eficácia do ensino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. J. de. A gestão de uma nova escola nos tempos das novas tecnologia. In **Escola de gestores da educação básica**: relato de uma experiência / Lia Scholze, Fernando José de Almeida e Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (Organizadores); Tarso Genro [etc]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.
- ANZENBACHER, Arno. **Introdução a Filosofia ocidental** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**. v. 36. n. 129, p. 637-656, 2006.
- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.
- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998.
- BOBBIO, N. **O futuro da democracia**; uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- CASSOL, C. V. A missão da Filosofia na Escola Básica. In: KUIAVA, Evaldo Antonio; SANGALLI, Idalgo José; CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 2008.
- CORREA, C. T. Gestão e Políticas educacionais. In CAMARGO, Ieda de (Org.). **Gestão e Políticas da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Pontifícia Universidade Católica - **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo. n. 115, p. 139-154, 2002.
- ELLIOTT, J. Lá **investición-acción em educación**. Madri: Ediciones Morata, S.L., 2000.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências e desafios. São Paulo, 2001.
- FERREIRA, N. S. C. Repensando e ressignificando a Gestão Democrática da Educação na Cultura Globalizada. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1227-1249, set/dez 2004.- Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22619.pdf>> 06 maio 2011.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez- 2005

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido / Moacir Gadotti. – Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GALLO, S.; KOHAN, W.O.(Org.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GENRO, T. Projeto Piloto Escola de Gestores – uma experiência bem-sucedida. In **Escola de gestores da educação básica** : relato de uma experiência / Lia Scholze, Fernando José de Almeida e Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (Organizadores) ; Tarso Genro ... [et al.]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GUARESCHI, P. A. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola**: artes e ofícios da participação coletiva. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

HORN, G. B. Por uma mediação praxiológica do saber filosófico em sala de aula. In SCHMIDT, M. A [et. al]. **Dialogos e perspectivas de investigação**. Ijuí: Ed. Unijui, 2008, p.179-195.

LIPMAN, M. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1997.

_____. **O pensar na educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LÜCK, H. **A dimensão participativa da Gestão Escolar**. Disponível em: <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-jornada-pedagogica/gestao-escolar/dimensao-participativa-da-gestao-escolar.pdf>>. Acesso em 03 de Julho de 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisas em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo. EPU, 1996.

MARANGON, Marcio Luis; ZUCHI, Claudir Miguel. **A formação do docente de Filosofia na educação básica**: necessidades e perspectivas. Frederico Westphalen: URI, 2009.

MELLO, H. M. B. e CÓSSIO, M. de F. Gestão da Educação Básica: ausências e emergências. In CAMARGO, Ieda de (Org.). **Gestão e Políticas da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC: 2006.

MOGILKA, M. **Educação, desenvolvimento humano e cosmos**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 31, n. 3, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022005000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 06 de maio de 2011.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. Tradução de Benoni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)**. Psicol. Reflex. Crit. [online]. 2007. Disponível em www.scielo.br/prc: 26 de junho de 2011

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PAIVA, V. de. **Filosofia: encantamento e caminho: introdução ao exercício do filosofar**. São Paulo, SP: Paulus, 2002.

PARISI, M. **Trabalho dirigido de Filosofia: 2º grau/ Mario Parisi; Gilberto Cotrim**. 6 edição. São Paulo: Saraiva, 1982.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**, São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2010.

PILETTI, C.; PILETTI, N. **Filosofia e história da educação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1986.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Ranking decrescente do IDH-M dos municípios do Brasil**. Atlas do Desenvolvimento Humano. (2000).

REALE, G. **Historia da filosofia: Filosofia pagã antiga**, v. 1. Giovanni Reale; Dario Antiseri ; São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Historia da filosofia: patrística e escolástica**, v. 2. Giovanni Reale; Dario Antiseri ; São Paulo: Paulus, 2003.

ROCKWELL, E. (cord) **La escuela cotidiana**. 2a. reimpr. México, Fondo de Cultura Económica, 1997.

RODRIGUES, N. **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. Educ. Soc. [online]. 2001, vol.22, n.76, pp. 232-257. ISSN 0101-7330. doi: 10.1590/S0101-73302001000300013.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social ; Ensaio sobre a origem das línguas ; Discurso sobre as ciências e as artes ; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens / Jean-Jaques Rosseau ; tradução de Lourdes Santos Machado introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado ; editor Victor Civita**. São Paulo : Abril Cultural, 1973. Coleção "Os Pensadores".

SEVERINO, A. J. A Filosofia na Formação do adolescente de Ensino Médio. In SCHMIDT, M. A. et al . **Dialogos e perspectivas de investigação**. Ijuí : Ed. Unijui, 2008, p. 165-178.

SILVA, F. T. da. **Curso de Educação Moral e Cívica**: para o ensino do 2º grau. Francisco Teodoro da Silva e Tarcísio C. de Almeida Cunha. Belo Horizonte, MG: Editora Lemi, 1977.

SILVA, S. R. da. **Ética pública e formação humana**. Educ. Soc., Campinas, v. 27, n. 96, out. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302006000300002&lng=pt&nrm=iso>: 06 maio 2011.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na Escola**. Disponível em <www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf> Acessado em 19 de maio de 2011.

VIEIRA, C. E. **Cultura e formação humana no pensamento de Antonio Gramsci**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 25, n. 1, jun. 1999 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797021999000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 06 maio 2011.

APÊNDICE 01



Eu, Marcio Luis Marangon, CPF 00765657007, RG 7078923202, professor da rede municipal de ensino do Município de Constantina sob inscrição 1063, acadêmico do Curso de Especialização em Gestão Educacional, na UAB/ UFSM, venho através deste pedir autorização para realizar uma pesquisa de campo intitulada “**A GESTÃO EDUCACIONAL E A FILOSOFIA NO MUNICÍPIO DE CONSTANTINA (RS)**”. Tal pesquisa objetiva coleta e análise de informações que resultarão na monografia de conclusão de curso, sob a orientação de Ana Paula da Rosa Cristino.

O trabalho consiste em analisar o retorno da Filosofia para as salas de aula, vislumbrando alternativas de atuação e sua possível ligação com a Gestão Educacional, contribuindo com a formação humana e com o desenvolvimento da comunidade escolar, aproveitando seu espaço reflexivo e interdisciplinar.

Como pesquisador responsável Marcio comprometo-me em esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou questionamento que os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou, posteriormente.

Desde já agradeço a compreensão e colaboração,

Constantina 13 de Maio de 2011

MARCIO LUIS MARANGON

APÊNDICE 02



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO LATO-SENSU EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**QUESTIONÁRIO – “A GESTÃO EDUCACIONAL E A FILOSOFIA NO MUNICÍPIO DE
CONSTANTINA (RS)”**

Vimos por meio deste, solicitar sua contribuição para a elaboração da pesquisa intitulada “Gestão Educacional e Filosofia: possíveis entrelaçamentos no município de Constantina - RS”. O objetivo central do estudo é analisar a filosofia para além das salas de aula, compreendendo sua ligação com a Gestão Escolar.

Obrigada por sua colaboração!

Cargo: _____

Graduação: _____

Pós-graduação: _____

Tempo de atuação no cargo: _____

Rede de ensino: () estadual () municipal

Tempo de atuação na rede de ensino: _____

Data: ____/____/2011.

Questões:

1 - Qual sua opinião a respeito do retorno da Filosofia para as escolas?

2 – Qual a sua opinião sobre a presença da disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental ?

3 - O que você entende por gestão escolar? Como você percebe a escola de atuação neste contexto ?

4 - Como a Filosofia pode se relacionar com a Gestão Escolar? Argumente sua resposta:

5 - Qual o papel da Filosofia nos atuais parâmetros da educação? Como ela pode ser melhor direcionada para a formação humana?

ANEXO 1

Inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias



Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008.

Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de **PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 36.

IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio.

§ 1º

III – (revogado).

.....” (NR)

Art. 2º Fica revogado o inciso III do § 1º do art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 2 de junho de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA

Fernando Haddad

Este texto não substitui o publicado no DOU de 3.6.2008

ANEXO 2

Implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio
Publicada no DOU de 18/5/2009, Seção 1, p. 25.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
RESOLUÇÃO Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2009**

Dispõe sobre a implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, a partir da edição da Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais e de conformidade com o disposto na alínea “c” do § 1º do artigo 9º da Lei nº 4.024/61, com a redação dada pela Lei nº 9.131/95, e com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 22/2008, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU em 12 de maio de 2009, resolve:

Art. 1º Os componentes curriculares Filosofia e Sociologia são obrigatórios ao longo

de todos os anos do Ensino Médio, qualquer que seja a denominação e a organização do currículo, estruturado este por sequência de séries ou não, composto por disciplinas ou por outras formas flexíveis.

Art. 2º Os sistemas de ensino deverão estabelecer normas complementares e medidas concretas visando à inclusão dos componentes curriculares Filosofia e Sociologia em todas as escolas, públicas e privadas, obedecendo aos seguintes prazos de implantação:

I - início em 2009, com a inclusão obrigatória dos componentes curriculares Filosofia

e Sociologia em, pelo menos, um dos anos do Ensino Médio, preferentemente a partir do primeiro ano do curso;

II - prosseguimento dessa inclusão ano a ano, até 2011, para os cursos de Ensino

Médio com 3 (três) anos de duração, e até 2012, para os cursos com duração de 4 (quatro) anos.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino e escolas que já implantaram um ou ambos os componentes em seus currículos devem ser incentivados a antecipar a realização desse cronograma, para benefício maior de seus alunos.

Art. 3º Os sistemas de ensino devem zelar para que haja eficácia na inclusão dos referidos componentes, garantindo-se, além de outras condições, aulas suficientes em cada ano e professores qualificados para o seu adequado desenvolvimento.

Art. 4º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

CESAR CALLEGARI